



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA**

PEDRO BARCELLOS RODRIGUES JULIANO

**“TUDO QUE *NÓIZ* TEM É *NÓIZ*”: UM OLHAR ANTROPOLÓGICO PARA
PRODUÇÃO INTELECTUAL E ARTÍSTICA NEGRA ATRAVÉS DO
DOCUMENTÁRIO *AMARELO*.**

**SANTARÉM - PA
2022**

PEDRO BARCELLOS RODRIGUES JULIANO

**“TUDO QUE *NÓIZ* TEM É *NÓIZ*”: UM OLHAR ANTROPOLÓGICO PARA
PRODUÇÃO INTELECTUAL E ARTÍSTICA NEGRA ATRAVÉS DO
DOCUMENTÁRIO *AMARELO*.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à
Universidade Federal do Oeste do Pará, como parte das
exigências do Programa de Antropologia e Arqueologia,
como requisito para a obtenção do bacharelado em
Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Aparício Suarez.

**SANTARÉM - PA
2022**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/ UFOPA

J94t Juliano, Pedro Barcellos Rodrigues
 “Tudo que *nóis* tem é *nóis*”: um olhar antropológico para a produção intelectual e artística negra através do documentário *AmarElo*. / Pedro Barcellos Rodrigues Juliano. – Santarém, 2022.
 80 p.: il.
 Inclui bibliografias.

Orientador: Miguel Aparício Suarez.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Curso Bacharelado em Antropologia.

1. *AmarElo*. 2. Sujeito negro. 3. Epistemícidio. I. Suarez, Miguel Aparício, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 305.898115

Bibliotecária - Documentalista: Renata Ferreira – CRB/2 1440



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

**ATA DE DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE
BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA**

No vigésimo primeiro dia do mês de julho de 2022, às nove horas, na sala virtual <https://meet.google.com/aqa-sdtf-yxk>, realizou-se a defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso do discente do curso de Bacharelado em Antropologia PEDRO BARCELLOS RODRIGUES JULIANO, intitulado *“Tudo que nós tem é nós”*: um olhar antropológico para produção intelectual e artística negra através do documentário *AmarElo*. A Banca Examinadora foi composta pelo orientador, **Miguel Aparicio Suárez** (Presidente) e pelas avaliadoras, **Carla Ramos** e **Dyane Brito Reis**. O presidente fez a abertura da sessão de defesa com a apresentação das componentes da banca e do discente, e atribuiu o tempo máximo de 20 (vinte) minutos para a apresentação do trabalho. Após a apresentação passou-se à arguição das componentes da banca e, em seguida, às respostas do discente. A comissão reuniu-se e apresentou o parecer final com a nota 9 (nove). Em seguida, os membros da banca fizeram suas considerações finais e passaram a palavra para o discente, que efetuou seus agradecimentos. Nada mais havendo a tratar, eu, Miguel Aparicio Suárez, lavrei a presente ata que, após ser lida, foi assinada pelos membros da banca e pelo discente.

Banca Examinadora:

PRESIDENTE: Prof. Dr. Miguel Aparicio Suárez

AVALIADORA: Profa. Dra. Carla Ramos

AVALIADORA: Profa. Dra. Dyane Brito Reis

Discente: Pedro Barcellos Rodrigues Juliano



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

PARECER DA BANCA AVALIADORA
O preenchimento deste parecer é facultativo.

Santarém, 21 de julho de 2022.

Banca Examinadora:

PRESIDENTE: Prof. Dr. Miguel Aparicio Suárez

AVALIADORA: Profa. Dra. Carla Ramos

AVALIADORA: Profa. Dra. Dyane Brito Reis

Discente: Pedro Barcellos Rodrigues Juliano

À Agenor Juliano e, em memória de Mariana de
Jesus Juliano, Maria Nancy Barcellos, Bento
Rodrigues e Wellington Fonseca.

AGRADECIMENTOS

Para aqueles que guiam o meu Orí...

Início agradecendo ao meu pai Xangô e minha mãe Yansã, aqueles que regem a minha cabeça e que me mantem firme nas batalhas da vida, foi quando orixá nasceu na minha cabeça que eu aprendi o que é fé. Kâo kabecile meu pai xangô, Eparrei minha mãe Yansã.

Para aqueles que guiam o meu coração...

Agradeço a Silvana Barcellos e Leonardo Barcellos, minha mãe e irmão pelo amor incondicional, pelo caminho e apoio durante todos esses anos, não foi fácil, mas foi possível graças ao amor de vocês.

Para aqueles que guiam o meu sentir...

Agradeço a minha família, as minhas tias Dinha, Marcia e Ize, vocês são símbolo da força dos Julianos. As minhas tias Marisabel e Rosana, vocês me proporcionaram a oportunidade de vislumbrar novos caminhos.

Ao Tio Celso, graças ao senhor tive uma infância e adolescência digna. Obrigado por todas as oportunidades que me proporcionou, hoje sei o valor da educação graças aos exemplos que o senhor me proporcionou.

Aos meus primos, Caroline, Luiz, Clara, Fernanda, Naya, Hector e Rafael, vocês me equilibraram quando pensei que cairia. Obrigado.

Para aqueles que guiam o meu caminhar...

Aos meus amigos, sem vocês chegar ao final desta jornada não seria possível. Felipe, Raphaela, Bruna, Marcos, Arthur, Charles, Dani, Fabi e Paranhos, vocês foram essenciais durante esses anos, foram o meu alicerce e principalmente a minha sanidade mental. Wellington, você não está mais entre nós, mas está vitória é nossa.

Aos amigos que encontrei durante o meu período em Santarém, aqueles que abrilhantaram a minha estadia na cidade. Mateus, Thales, Amaury, Yuri, Jessica, Alejandro e Pedro Jorge, vocês são as verdadeiras perolas do Tapajós.

Para aqueles que guiam o meu pensar...

Aos meus grandiosos mestres da Universidade Federal do Oeste do Pará, Prof. Alan Rodrigues, meu primeiro orientador, o senhor me deu a mão e me guiou, obrigado por todo carinho e parceria. A Prof. Carla Ramos, minha segunda orientadora, saiba que a senhora trouxe um ar leve e fresco para salas de aula da UFOPA. Ao Prof. Raoni, a quem tenho um profundo respeito e foi responsável por me acolher durante a pandemia da Covid-19. E especialmente ao

meu orientador Prof. Miguel Aparicio, a quem sempre admirei, obrigado por me receber e topar seguir esta jornada comigo. Tudo que passamos só fez a minha admiração pelo senhor ser maior.

E por último agradeço a duas mulheres que foram essenciais nesta jornada, Tia Ester, que me proporcionou um lar aconchegante e especial, nunca vou esquecer da nossa casa. E Eloisa Barros, minha psicóloga que me acolheu e me colocou de volta no rumo da sanidade.

Nobre guerreiro negro de alma leve
Nobre guerreiro negro lutador
Que os bons ventos
Calmo assim te leve
Pra onde você for
(Madiba – Olodum)

RESUMO

Este trabalho pretende lançar um olhar antropológico sobre o documentário *AmarElo – é tudo pra ontem* do rapper Emicida e compreender como os elementos artísticos, intelectuais e históricos presentes na obra se relaciona com quatro pontos do pensamento intelectual negro, que são *epistemicídio*, *fratura epistêmica*, *epistemologia preta* e *escrevivência*. Através desses conceitos e com a ajuda de autoras negras pretendo tecer uma discussão sobre diferentes formas de violência e diferentes formas de resistência apresentadas no documentário, que utiliza o audiovisual como ferramenta de conexão com o público. Pretendo apresentar uma discussão que busca na intelectualidade negra os elementos necessários para compreender os caminhos percorridos pela obra audiovisual. A monografia trata também da percepção de interlocutores acerca da documentário, de que forma a obra se relaciona com o cotidiano dessas pessoas e como foram impactadas. Através de cinco capítulos busco posicionar o leitor dentro e fora do documentário, buscando relacionar a obra com elementos externos e principalmente busco trazer o sujeito negro como condutor da sua história.

Palavras-chave: *AmarElo*. Sujeito negro. *Epistemicídio*. *Epistemologia preta*. *Escrevivência*

ABSTRACT

This work intends to take an anthropological look at the documentary *AmarElo – é tudo pra ontem* by rapper Emicida and understand how the artistic, intellectual and historical elements present in the work relate to four points of black intellectual thought, which are *epistemicide*, *epistemic fracture*, *epistemology black* and *escrevivência*. Through these concepts and with the help of black authors, I intend to weave a discussion about different forms of violence and different forms of resistance presented in the documentary, which uses the audiovisual as a tool to connect with the public. I intend to present a discussion that seeks in the black intelligentsia the necessary elements to understand the paths taken by the audiovisual work. The monograph also deals with the perception of interlocutors about the documentary, how the work relates to the daily lives of these people and how they were impacted. Through five chapters I seek to position the reader inside and outside the documentary, seeking to relate the work with external elements and mainly I seek to bring the black subject as a conductor of its history.

Keywords: *AmarElo. Black subject, Epistemicide. Epistemology black. Escrevivência*

SUMÁRIO

PRELÚDIO – ABRAM ALAS PRA MINHA FOLIA / JÁ TA CHEGANDO A HORA.....	12
1 INTRODUÇÃO – PERMITA QUE EU FALE	15
2 O MENINO QUE QUERIA SER DEUS	18
2.1 Laboratório Fantasma.....	24
2.2 Análise discursiva do documentário <i>AmarElo - é tudo pra ontem</i>	25
3 ENTÃO FAÇAM DAS FLORES NAVALHAS / QUE FAREI DAS CANÇÕES BAIONETAS.....	33
3.1 Apresentação e relação com os interlocutores.....	34
3.2 O que enxerga cada olhar.....	50
3.3 A forma como cada um sentiu.....	54
3.4 Como se relaciona com o cotidiano	58
3.5 Palavras do autor	60
4 ENTRE O CORTE DA ESPADA E O PERFUME DA ROSA	63
4.1 <i>Epistemicídio</i>	63
4.2 <i>Fratura epistêmica</i>	66
4.3 <i>Epistemologia preta</i>	67
4.4 <i>Escrevivência</i>	70
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS – NUNCA FOI SORTE, SEMPRE FOI EXÚ.....	74

PRELÚDIO – ABRAM ALAS PRA MINHA FOLIA / JÁ TA CHEGANDO A HORA¹

Meu medo é ser mais um cara
Que morre lutando pra virar blusa de boy
Naípe Che Guevara
Minha vida é essa eu tô só te explicando
Me deixa entrar e me ajuda a curar
Ou fecha a porta na minha cara
(TIPO - DJONGA)

Em novembro de 2019, quando Emicida subiu ao palco do Theatro Municipal de São Paulo lançando a turnê *AmarElo* eu estava em intercâmbio na Colômbia, na cidade de Popayan cursando algumas disciplinas na Universidad del Cauca. Acompanhei o abalo causado por Emicida pelas redes sociais. Me casou muito interesse a pretensão do artista de levar o hip-hop para dentro da casa dos concertos eruditos de São Paulo.

Em 2020 após a minha volta para São Paulo fomos mundialmente abalados pela Pandemia da Covid-19. O setor cultural foi um dos primeiros a fechar suas portas e um dos últimos a conseguir reabri-las. Teatros, museus, shows e cinemas ficaram quase dois anos fechados esperando a melhora dos índices de contaminação e, posteriormente, de vacinação para que a volta a estes lugares não representasse um risco à saúde.

No ano que comemoramos o centenário da Semana de 1922 a cidade de São Paulo conseguiu reabrir as portas dos espaços culturais e comemorar esta data tão especial. Talvez não com todas as pompas que a data merecia, mas com justas e belas homenagens. Vários foram os espaços culturais que de alguma forma comemoraram o centenário, dentre eles o Theatro Municipal de São Paulo que em 1922 foi o palco do evento. E foi em um dos eventos dessa comemoração que tive a oportunidade de conhecer o espaço que abrigou o hip-hop cantado por Emicida dois anos antes.

A visita aconteceu no dia 16 de fevereiro de 2022, em uma quarta feira. Ao chegar no centro de São Paulo, mas especificamente no Vale do Anhangabaú, percebi uma movimentação intensa nas escadas do Theatro Municipal. Por inúmeras vezes passei por ali e nunca tinha visto tantas pessoas paradas esperando para entrar e nem a iluminação externa do Theatro com luzes tão coloridas e fortes.

Estavam ocorrendo inúmeros eventos em diferentes horários e espaços no interior do Theatro. Meu objetivo era conhecer o interior do *Salão Nobre*, como é conhecida a principal sala do Theatro Municipal. No dia da minha visita tive a oportunidade de assistir os espetáculos

¹ Trecho da música *Está chegando a hora (Abre alas)* de Marcelo D2.

Muyrakyatã concebida por Allan Faliéri e *Isso dá um Baile* de Henrique Rodovalho, protagonizados pelo Balé da Cidade. Vários foram os motivos que me fizeram ir ao Theatro naquele dia. A curiosidade, o valor do ingresso, que estavam variando de R\$10,00 a R\$50,00, e a curiosidade para ver o espetáculo *Muyrakyatã*, no qual o nome me remetia ao Pará, mais precisamente a Santarém.

Ainda na parte externa do Theatro Municipal, me chamou atenção a elegância daqueles que iriam entrar ou estavam saindo, principalmente se comparada com aqueles que passavam pela rua ignorando o prédio. E por isso me questionei, se a comemoração do centenário da Semana de 1922 já estava causando uma pequena mudança nos hábitos das pessoas que por ali passavam, e como teria sido a apresentação do Emicida que contou com telões na parte externa e uma circulação ainda maior de pessoas na região.

Neste evento que fui, a maioria das pessoas que estavam presente no *Salão Nobre* eram brancas e jovens, não aparentavam ter mais de 35 – 40 anos, porém fazendo o teste do pescoço², observei um número grande de pessoas negras, sendo algo diferente de outros lugares culturais que já frequentei, como vernissagem, onde com frequência, sou o único negro ou estou acompanhado de mais um ou dois.

O Theatro Municipal de São Paulo é um lugar grandioso, repleto de detalhes. Com uma decoração luxuosa, as cores que dominavam era o vermelho e dourado. As paredes do interior do *São Nobre*, o tapete que leva até cada porta que se abre de frente para os assentos e os próprios assentos são vermelhos. Já os detalhes mais delicados são dourados. Dentro do teatro nos sentimos realmente no século XIX.

O *Salão Nobre* não é uma sala grande, o número de lugares é pouco para grandes shows e espetáculos, porém o palco é algo grandiosíssimo, que permite uma aproximação do público com os artistas, a distância da primeira fileira até o público é menor que 2 metros.

As esculturas de anjos sobre o palco feitas em mármore dão um ar de divindade ao local, ao mesmo tempo que o órgão de tubos e o lustre de cristais trazem requinte e elegância para o ambiente.

A divisão dos lugares é feita pela plateia, que está no plano, abaixo da altura do palco e três semicírculo de cadeiras que estão acima da plateia e do palco. Todas as cadeiras são de uma madeira antiga e o estofado vermelho. Para além dessa divisão de assentos, existe o camarote que está no primeiro semicírculo acima da plateia, posicionado de frente para o palco.

² Quando observamos o entorno do ambiente para identificar a quantidade de pessoas negras.

Me pareceu que o Theatro Municipal de São Paulo busca ter um ar mais moderno, conectando as pessoas que não são o público tradicional que vai assistir à concertos de opera, ao passo que preserva o ambiente e elementos estéticos que remetem a história do prédio, como maçanetas, lustres, moveis etc.

Antes das apresentações os avisos sonoros dão o alerta de que o espetáculo vai começar, é curioso pensar que as pessoas que costumam frequentar esses lugares já sabem o que esses sons significam ao passo que percebi muitas pessoas não entendiam o que estava acontecendo.

De modo geral a estrutura do teatro é algo que brilha os olhos, um lugar extremamente requintado que está tentado dialogar com todos os públicos para ser um ambiente acessível e mais presente na vida dos moradores da cidade de São Paulo.

1 - INTRODUÇÃO – PERMITA QUE EU FALE³

Meu choro não é nada além de carnaval
 É lágrima de samba na ponta dos pés
 A multidão avança como vendaval
 Me joga na avenida que não sei qual é
 (Mulher do Fim do Mundo – Elza Soares)

Este trabalho começou a ser pensado quando escrevia a minha apresentação para o I Simpósio de Educação Escolar Quilombola e Educação Étnico-Racial que ocorreu em maio de 2019 na Universidade Federal do Oeste do Pará. A mesa que participei chamava “A formação de professores na UFOPA: os estudantes quilombolas e negros”, fiz minha fala baseada no papel dos professores na formação de profissionais atentos ao racismo institucional.

Ao término da minha fala expus o clipe *Eminencia Parda* do rapper Emicida que tinha acabado de ser lançado. No vídeo o artista mostra de forma muito sensível as diferentes camadas do racismo e as diferentes formas que elas atingem as pessoas negras.

Eu já sabia quem era Emicida, tinha algumas músicas dele salvas no meu celular e acreditava que ele conseguia fazer um bom diálogo com a juventude negra. Sabia que Emicida tinha uma enorme sensibilidade na sua produção artística, porém, *Eminencia Parda* trouxe elementos sonoros do Pará ao mesmo tempo que tratou com extrema delicadeza sobre o racismo, isso me tocou muito. A partir daquele momento eu passei a ver com outros olhos a produção artística e intelectual do artista.

Durante a graduação não tive muitas oportunidades de relacionar o olhar antropológico com a arte. No segundo semestre de 2019 quando eu estava em mobilidade acadêmica na Universidad del Cauca na Colômbia, tive a oportunidade de estudar uma disciplina chamada *Antropologia y arte*. Esta disciplina me apresentou um olhar diferente. Não estávamos trabalhando com a antropologia da arte, e sim antropologia e arte, como as duas disciplinas se relacionam e como dessa relação pode emergir novas abordagens metodológicas. Estudamos textos como *Visualidad y escritura como acción* de Joanne Rappaport, *El retorno de lo real: la vanguardia a finales de siglo* de Hal Foster e *El Espectador emancipado* de Jacques Rancière.

³ Trecho da música *AmarElo* de Emicida, Majur e Pablo Vittar.

Para o trabalho final eu tive o prazer de apresentar um texto que relaciona a produção artística do Emicida e as masculinidades negras. Como articula em sua obra a masculinidades de homens negros, heteros, cis e periféricos em alguns momentos, ricos em outro, que querem uma resposta do mundo racista ao menos tempo que buscam o colo dos pais ausentes e falecidos.

No final da minha estadia na Colômbia, antes do mundo ser paralisado pela pandemia da Covid-19, apresentei um trabalho no Encuentro Nacional de Estudiantes de Antropología y Arqueología (ENEAA), nosso grupo de trabalho era o único que contava com estudantes de outros países, dos cinco estudantes, três eram colombianos, uma era venezuelana e eu, brasileiro. Estávamos discutindo sobre “ser negro” na Colômbia. Minha apresentação se chamava *¿Quién escucha la voz del negro brasileño?*, Fiz uma elaboração que tratava da invasão e exploração portuguesa, a produção e resistência intelectual e artística negra e por fim os dilemas de ser negro na américa latina, mais especificamente ser negro no Brasil, pensando o nosso processo “miscigenação”, e assimilação da cultura negra e o elemento linguístico, como falar português nos deixa em uma posição de exclusão.

Com o lançamento do documentário *AmarElo – É tudo pra ontem*, me pareceu uma nova oportunidade de relacionar antropologia e arte, a passo que posso criar paralelos entre produção intelectual e artística.

O documentário me ofereceu conteúdo suficiente para pensar as formas de operação do racismo através da arte, as formas de resistências criadas pelo povo preto e as formas de reconfigurar o futuro.

Sendo assim, no próximo capítulo, *O Menino que queria ser Deus*, busco criar um perfil do artista, relacionar aspectos da sua vida que estão dialogando diretamente com sua arte. Neste mesmo capítulo traço uma análise do documentário apresentando ao leitor os pontos que vejo com mais relevantes.

No capítulo seguinte, *Então façam das flores navalhas / Que farei das canções baionetas*, pretendo trazer novos personagens para nossa discussão, apresento 8 jovens que dialogam comigo sobre suas análises acerca do documentário *AmarElo* e o modo quem que a produção chega até eles.

Na busca por respostas teóricas, o capítulo *Entre o corte da espada e o perfume da Rosa*, busco no repertório de autoras negras as ferramentas necessárias para compreender a dimensão do que é *AmarElo* enquanto possibilidade de *Epistemologia preta*.

Por fim, no último capítulo, *Nunca foi sorte, sempre foi Exú*, finalizo a monografia com as minhas impressões finais.

Desse momo, pretendo demonstrar de que forma o presente pode reconfigurar o passado e redefinir o futuro, para que tenhamos formas outras de ser pessoas negras neste mundo e em especial, neste país. Este trabalho tem por finalidade fazer com que pessoas negras, assim como eu, possam buscar em sua ancestralidade a valorização do seu conhecimento.

2 - O MENINO QUE QUERIA SER DEUS⁴

O terceiro filho nasceu, é homem
 Não, ainda é menino
 Miguel bebeu por três dias de alegria
 Eu disse que ele viria, nasceu
 E eu nem sabia como seria
 Alguém prevenia, filho é pro mundo
 Não, o meu é meu
 Sentia a necessidade de ter algo na vida
 Buscava o amor nas coisas desejadas
 Então pensei que amaria muito mais
 Alguém que saiu de dentro de mim e mais nada
 Me sentia como a terra, sagrada
 E que barulho, que lambança
 Saltou do meu ventre e contente
 Parecia dizer, "É sábado gente"
 A freira que o amparou tentava reter
 Seus dois pezinhos sem conseguir
 E ela dizia, "Mais que menino danado
 Como vai chamar ele, mãe?"
 "Leandro"
 (MÃE - EMICIDA)

Leandro Roque de Oliveira (17/08/1985) e Evandro Roque de Oliveira (25/02/1989) são irmãos, artistas, proprietários da Laboratório Fantasma e filhos da Dona Jacira. Nascidos na periferia da zona norte de São Paulo, a história dos irmãos é parecida com a de milhares jovens negros brasileiros.

Também como milhares de jovens brasileiros, os irmãos cresceram sem a figura do pai. Sua mãe, Dona Jacira se torna viúva no início dos anos 1990 quando seus filhos ainda são pequenos, Leandro tinha apenas seis anos. A vida na periferia atrelada a morte do marido fez com que Dona Jacira e seus filhos passassem por inúmeras dificuldades. Algumas são lembradas por Leandro em diferentes músicas, principalmente no primeiro disco, quando ele ainda passava por grande parte daquelas dificuldades.

Sobre a morte do pai, Leandro vai falar na música *Crisântemo* de 2013. Na música ele narra o que seria os últimos momentos de vida de seu pai que sofreu um acidente em um bar. Sua mãe, Dona Jacira encerra a música com um poema que narra o momento que a família recebe a notícia do falecimento do pai de Leandro e Evandro e a situação posterior.

Era dia de Cosme, madrugada, chovia lá fora
 De repente alguém chama, Jacira, sou eu, Luiz

⁴ Referência do disco do mesmo nome do Rapper Djonga e da música "julho de 94" lançados em 2018.

Pressenti, Miguel morreu, o que mais poderia ser?
 Além do mais, meu coração já estava apertado
 Prevendo desgraça, na festa do terreiro, a certa hora
 O Erê subiu e quem desceu foi seu Sultão da Mata
 Me chamou e disse pegue os meninos, vá pra casa
 Disse prepare o coração e seja forte, vá!
 Levantei, abri a porta e a desgraça se confirmou
 Uma briga, o tombo, o seu Zé do Doce socorreu
 Seu Zé é a representação do Estado no Jardim Fontális
 Talvez ainda até hoje
 Notícia pra dar, vaquinha pra enterrar, domingo
 Justo eu, que me criei sem pai, perder o pai já é uma tragédia
 Perdê-lo na infância é sentir saudade
 Não do que viveu, mas do que poderia ter vivido
 O enterro, a volta, o olhar do menino marejando
 Pensando longe sem entender
 E o meu coração apertado, sem conseguir explicar
 O tempo foi encaixando tudo
 Os pertences dele sempre no mesmo lugar
 O velho chinelo abandonado respondem, ele não vai voltar
 Os dias são escuros mesmo com sol quente
 O silêncio de Miguelzinho cala cada vez mais fundo no peito da gente
 Quando o pai morre, a gente perde a mãe também
 Eu já sabia o que era isso
 Como pode alguém morrer no mesmo dia que nasceu?
 (EMICIDA; JACIRA, 2013)

A trajetória artística dos irmãos tem início em 2005, no centro da cidade de São Paulo, nas Batalhas de MC's⁵ (Mestre de Cerimonia). As “armas” utilizadas nesta batalha eram rimas improvisadas ao vivo, ao estilo *freestyle*⁶. Foi nesse ambiente que Leandro recebeu a alcunha de Emicida, nome artístico que usa até hoje. Emicida significa MC + homicida, algo como homicida de MC, fazendo referência a agressividade que levou Emicida ao primeiro lugar de inúmeras competições regionais e nacionais de MC's.

Podemos dizer que um dos registros artísticos do que são as Batalhas de MC's podem ser escutadas na música *Rinha (já ouviu falar?)* em que Emicida faz uma homenagem as batalhas e aos frequentadores que em comunhão vivem aquela experiencia de forma profusa e entusiasmados.

Uma pá de nego ligeiro, rasgando mais que açougueiro
 Treinando free o dia inteiro, lutando pra ser o primeiro
 E pirando quando os MC manda o flow mais cabreiro (Carai)

⁵ São várias os locais que ocorrem as Batalhas de MC's, com a popularização de encontros marcados pela internet esses encontros ficaram mais populares. As batalhas mais famosas em São Paulo na época de competição do Emicida era a Rinha dos MC's e Batalha da Santa Cruz. Batalha que ele ganhou inúmeras vezes. A competição consiste em mandar a melhor rima improvisada contra um concorrente, geralmente se direcionada a depreciação da aparência ou talento desse concorrente, quem elegia o vencedor de cada batalha era o público presente, ganhava quem chegasse na final sem perder nenhuma disputa. Emicida abre o documentário *AmarElo* com um fragmento de uma em uma batalha.

⁶ Considerado uma subdivisão do rap o freestyle é caracterizado pelo uso de letras improvisadas que expressão a opinião sobre algo, acompanhado pela flow, que é a batida feita pelo DJ.

Água suja degolando sem dó
 Enfia espada de samurai, benze ela com goró
 Canibalismo selvagem dos MC Durango
 Porque só um canta de galo, o resto é frango
 Vontade de pisar descalço no tablado
 No Graja, onde só quem é conhece o solo sagrado
 Vira templo de cerimônia, tipo o Santa Cruz, Olido
 Duas cadeiras, um mic, quinhentos nego espremido
 E o povo quer ver sangue, sem momento Monange
 O Dj solta a batida, tio, 'cê que se arranje
 Dichava no double tree, minha cota é vencer
 Até me emocionei quando escutei o quê?
 Só pedrada na caixa, o pancadão pesado
 Sente o grave batendo com o coração, família
 Levanta a mão pra honrar o compromisso
 Como eu vou dizer que o hip-hop morreu, vendo isso
 (EMICIDA, 2010)

Em 2009 é lançada sua primeira mixtape⁷, *Para quem mordeu um cachorro por comida, até que eu cheguei longe....* Foram feitos cerca de dez mil cópias, com 25 faixas. Todas as capas foram feitas a mão e as cópias eram vendidas a cerca de R\$2,00 no centro de São Paulo, nas Batalhas de Mc's e nos shows de rap.

A primeira mixtape é marcada por uma agressividade tradicional nas músicas rap do final dos anos 1990 começo dos anos 2000. A realidade de jovens negros na favela e bairros periféricos de São Pulo davam o tom para as letras, as batidas tinham como referência a música *black* estadunidense. Os principais nomes dessa época são Racionais MC's, RZO, Sabotagem, Facção Central, Dina Di e Negra Li

Com o passar do tempo a música de Emicida sofre influência das suas novas vivências e experiências, em uma entrevista falando sobre a primeira mixtape e os “órfãos” desse trabalho, ele diz

eu olho pra primeira mixtape, eu fico com fome, eu tava com fome, tá ligado? Todo dia eu tinha fome. Não tinha dinheiro pra comprar comida, eu ia gravar o bagulho e eu tinha que esperar até umas quatro horas da tarde, porque eu tava gravando de favor lá na casa do Tixa, a mãe dele fazia um lanche pra ela quatro e meia da tarde. E eu ficava tipo, mano, minha barriga roncava e eu ficava tentando fazer a minha barriga não roncar pra não sair no microfone, olha a noia que eu tinha, tá ligado?! Então não é um bagulho que eu vou sentir saudades daquele tempo, as pessoas têm saudades porque só chegou o cd pra eles (HISTÓRIA DO RAP NACIONAL, 2016)

A segunda mixtape, *Emicídio* foi lançado em 2010, o desafio nesse disco não era mais se mostrar para o grande público, era se manter no topo. “Quando eu acabei a primeira mixtape, quando foi o sucesso que foi, eu pensei uma coisa muito séria, ‘qual é o segundo passo?’ E ele é muito mais difícil que o primeiro, tá ligado? Por isso a segunda mixtape, *Emicídio* começa com uma música que chama ‘E agora?’” (História do Rap Nacional, 2016)

⁷ Mixtape é um aglomerado de músicas que não precisam seguir uma lógica como em um álbum musical.

Dentre as principais músicas desta mixtape está *Rinha, I Love Quebrada e Beira da Piscina*, inclusive nessa última música, Emicida já demonstra a ambição que vai caracterizá-lo como um artista que busca novas narrativas histórias. Ele diz “Xô devolver o orgulho do gueto / E dar outro sentido pra frase: tinha que ser preto” (EMICIDA, 2010).

Em 2013 foi lançado o primeiro álbum ao vivo, dividindo o palco com o também cantor de rap Criolo que, junto com Emicida são considerados os grandes nomes do rap nacional da década de 2010, eles foram responsáveis por mudar as batidas do gênero musical, acelerando as batidas e “visitando” com mais frequência os ritmos do samba. É interessante porque neste show também temos a participação do Mano Brown, integrante do grupo Racionais Mc’s e principal nome do rap nacional de todos os tempos.

Ainda em 2013 o primeiro álbum de estúdio é lançado, *O Glorioso Retorno De Quem Nunca Esteve Aqui*, é aqui que o rapper usa e abusa dos diferentes ritmos em suas músicas, inclusive passeando no funk. Os temas das músicas também não refletem tanto as letras das primeiras mixtapes, porém duas músicas em especial, *Crisântemo* que tem uma letra autobiográfica que trata dos sentimentos de um filho pela perda de seu pai, música que foi exposta no começo do capítulo e *Hoje Cedo*, parceria com a conhecida cantora de rock Pitty, Emicida fala sobre depressão e antecipa uma discussão pouco feita no mundo do hip hop, além de falar do rap como produto e quem são os seus beneficiários

Holofotes fortes, purpurina
 E o sorriso dessas mina só me lembra cocaína
 Em cinco abrem-se cortinas
 Estáticas retinas brilham, garoa fina
 Que fita, meus poema me trouxe onde eles não habita
 A fama irrita, a grana dita, 'cê desacredita?
 Fantoches, pique Celso Pitta mentem
 Mortos tipo meu pai, nem eu me sinto presente
 Aí, é rima que cês quer, toma, duas, três
 Farta pra infartar cada um de vocês
 Num abismo sem volta, de festa, ladainha
 Minha alma afunda igual minha família em casa, sozinha
 Entre putas como um cafetão, coisas que afetam
 Sintonia, como eu sonhei em tá aqui um dia?
 Crise, trampo, ideologia, pause
 E é aqui onde nós entende a Amy Winehouse

Hoje cedo
 Quando eu acordei e não te vi
 Eu pensei em tanta coisa
 Tive medo
 Ah, como eu chorei
 Eu sofri em segredo
 Tudo isso hoje cedo

Vagabundo, a trilha
 É um precipício, penso o melhor

Quero salvar o mundo, pois desisti da minha família
 E numa luta mais difícil a frustração vai ser menor
 Digno de dó, só o pó, vazio, comum
 Que já é moda no século XXI
 Blacks com voz sagaz gravada
 Contra vilões que sangram a quebrada
 Só que raps por nóiz, por paz, mais nada
 Me pôs nas Gerais, numa cela trancada
 Eu lembrei do Racionais, reflexão
 Aí, "os próprio preto num 'tá nem aí com isso, não"
 É um clichê romântico, triste
 Vai perceber, vai ver, se matou e o paraíso não existe
 Eu ainda sou o Emicida da Rinha
 Lotei casas do Sul ao Norte,
 Mas esvaziei a minha
 E vou por aí, Taliban
 Vendo os boy beber dois mês de salário da minha irmã
 Hennessys, avelãs, camarins, fãs, globais
 Mano, onde eles tavam há dez anos atrás?
 Showbiz como a regra diz, lek
 A sociedade vende Jesus, por que não ia vender rap?
 O mundo vai se ocupar com seu cifrão
 Dizendo que a miséria é quem carecia de atenção
 (EMICIDA, 2013)

Alguns anos depois em outra música ele vai contestar a interpretação que fizeram na época dizendo “Hoje cedo não era um hit, Era um pedido de socorro” (EMICIDA; MAJUR; VITTAR, 2019). Desce modo, podemos ver que temas sociais latentes e muito vezes escanteados são temas de suas canções.

O seu segundo álbum de estúdio, *Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa* talvez seja o álbum mais antagônico até então da figura de rapper. Após um período em alguns países da África, Emicida utiliza a experiencia para escrever parte das letras deste álbum. Sobre a viagem à África, no documentário *AmarElo* Emicida diz que

A primeira vez que eu fui à África meu amigo Chapa me levou num museu que tem em Angola que eles chamam de Museu da Escravidão. E naquele lugar tinha uma pia e estava escrito um texto na parede que era mais ou menos assim: ‘foi nessa pia que os negros foram batizados, e através de uma ideia distorcida do cristianismo, eles foram levados a acreditar que eles não tinham alma’. Olhei o meu parceiro e naquele dia entendi qual era a minha missão. A minha missão, a cada vez que eu pego uma caneta e um microfone, é devolver a alma de cada um dos meus irmãos e das irmãs que sentiu que um dia não teve uma. (AMARELO, 2020, 15:13).

Emicida busca através da música criar horizontes para que as pessoas, principalmente as negras não se confortem com o lugar de subalternidade social que são colocas.

Já em 2017 foi gravado o primeiro DVD solo do artista, neste show estava comemorando os dez anos de lançamento da música *Triunfo*. Gravado no dia 20 de novembro, data que o Movimento Negro adotou como Dia da Consciência Negra. Com um setlist repleto

de músicas de exaltação ao povo negro e da sua própria história, Emicida começa o show dizendo:

20 de novembro, pra que a gente não tenha mais que debater sobre ‘porra, neguinho comprou um carro agora acha que gente. Neguinho coloca um cordãozinho de ouro tá achando que pode falar alto com os outros’. Pra começar esse ouro nem devia ter saído daqui e da África. Nossa maneira didática de contar história, de redefinir a história, de mudar toda a história, é explicar que eu entendo esse bagulho de neguinho, mas o correto é, ‘Neguinho é o caralho, meu nome é Emicida, Porra, o Zika (EMICIDA, 2017, 1:51)

Em 2019, quatro anos depois do lançamento do último álbum de estúdio, Emicida volta aos estúdios, usando e abusando do sampleado⁸ para a criação das novas músicas, como *Ismália*, *Pequenas Alegrias da vida adulta* e *AmarElo*, que também dá nome ao novo álbum. Esta música trás o refrão de *Sujeito de Sorte*, música de Belchior “Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro / Ano passado eu morri, mas esse ano eu morro”. Ao lado de Pablllo Vitar⁹ e Majur¹⁰, Emicida abre um importante debate unindo o rap e a luta contra a LGBTfobia.

Não acho que a gente está juntando as bandeiras. O que eu acho que a gente está fazendo é tirar essa coisa nublada que faz com que as pessoas entendam a gente como lutas separadas. Não tem como você lutar por liberdade pela metade. A partir do momento que você mergulha numa reflexão sobre gênero, numa reflexão sobre classe, numa reflexão sobre raça, tá ligado? Tem duas maneiras de você conduzir isso, uma é hipócrita que pensa só em você, egoísta. A outra é se a gente quer pra nós a gente quer pra todo mundo. (AMARELO, 2020, 1:12:01)

Ainda nesta música está presente um poema escrito por Emicida que questiona o sujeito das nossas narrativas, a redução que fazem do que somos de acordo com as nossas vivências e experiências.

Permita que eu fale, e não as minhas cicatrizes
Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes
Que nem devia tá aqui
Permita que eu fale, e não as minhas cicatrizes
Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nós?
Alvos passeando por aí
Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência
É roubar um pouco de bom que vivi

⁸ O portal KondZilla explica que “sample nada mais é do que a amostra de sons, sendo eles trechos (ou partes inteiras) de músicas já existentes, instrumentos de forma isolada ou até sons do “dia a dia”, como o trem passando nos trilhos, uma buzina ou a chuva no telhado. Essa ideia surgiu na década de 40, quando uma galera decidiu fazer músicas através de pequenas amostras de sons já gravados – o que, inicialmente, era chamado de “*Musique Concrète*”. A parada era considerada meio psicodélica à época, mas alguns artistas ousados decidiram experimentar essa forma de produzir com o surgimento da cultura hip-hop no final dos anos 70 e começo dos 80, os recortes musicais começavam a ganhar mais espaço entre os produtores. A história conta que os DJs alteravam as músicas que tocavam nos bailes, isso tudo na era do analógico e em apresentações ao vivo <https://kondzilla.com/m/explicando-em-detalhes-o-que-e-sample>

⁹ Pablllo Vitar é uma cantora brasileira conhecida mundialmente por ser a drag queen com o maior número de streaming nas plataformas digitais, dona dos hits “K.O.”, “Amor de Que” e “Corpo Sensual”.

¹⁰ Majur é uma cantora baiana trans não-binária. A artista lançou o seu primeiro trabalho artístico em 2018.

Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
 Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes
 É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nóiz sumir
 (EMICIDA; MAJUR; VITTAR, 2019)

O álbum *AmarElo* conta com inúmeras parcerias, é curioso que a grande parte delas são de fora do universo do rap. Estão presente nesta lista Fernanda Montenegro, Pastor Henrique Vieira, Fabiana Cozza, Zeca Pagodinho entre outros. Usando sem moderação a musicalidade do samba, este disco inseri definitivamente Emicida dentro do universo dos compositores da MPB.

2.1 Laboratório Fantasma

Evandro Fioti é o responsável por dirigir a empresa Laboratório Fantasma. Essa empresa foi fundada por ele e por Emicida. A Laboratório Fantasma é a gravadora responsável pela carreira de Emicida, Drika Barbosa, Rael e até mesmo a carreira deles. A página do Instagram da Laboratório Fantasma diz que eles “tem como missão transformar os lugares através da música e do amor”.

Em conversa com o Artista Emicida gravada para o programa História do Rap Nacional, da tv Bandeirantes, o jornalista fala do que seria a Laborativo Fantasma

no modelo americano das gravadoras de Dr. Dre, Eminem e Jay-z, o Emicida criou a Laboratório Fantasma, empresa que cuida de vários aspectos da sua música, como, propriedade intelectual, organização de produção e principalmente lhe garante liberdade artística. (HISTÓRIA DO RAP NACIONAL, 2016)

É valido ressaltar que existe uma divisão dentro da Laboratório Fantasma, Lab é responsável pela criação e divulgação de roupas, as peças já chegaram em vários desfiles da São Paulo Fashion Week (SPFW), principal semana de moda do Brasil. Sempre embalados por músicas de resistência negra e questionando os padrões de beleza impostos pela mídia “Fiz com a passarela o que eles fez com a cadeia e com a favela, enchi de preto” (EMICIDA, 2017).

Já a Laboratório Fantasma gravadora tem o papel de divulgação dos artistas do seu portfólio ao mesmo tempo que oferece a eles outras condições de trabalho. Algo que seria mais condizente com o discurso de empoderamento do povo preto.

A Laboratorio Fantasma é um sonho coletivo, um sonho que começou muito antes da gente se materializar neste planeta. Seu Wilson das Neves falou isso uma vez pra nós ‘um cigarro você quebra, agora um maço já é mais difícil’. Essa foi a forma que ele encontrou pra dizer ‘fiquem juntos, assim, vocês continuam fortes’”, uma parada dessas fortalece tudo que a gente representa, e fortalecido estamos prontos para lutar contra os monstros gigantes. (AMARELO, 2020, 1:18:58)

Sendo assim, me parece uma forma de aquilombamente, ficar juntos para se manter forte.

2.2 Análise descritiva do documentário *AmarElo - É tudo pra ontem*

“Exú matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje” através desse ditado yoruba o documentário busca compreender como as atitudes do presente podem refletir no passado coletivo. Baseado na percepção temporal e das suas reverberações, o documentário *AmarElo* vai a todo tempo traçar diferentes paralelos históricos. Conectando histórias e mostrando que, ao contrário do que foi ensinado, a população negra tem uma história repleta de referências e de personagens representativos.

“Eu não sinto que eu vim, eu sinto que eu voltei, e que, de alguma forma, meus sonhos e minhas lutas começaram muito tempo antes da minha chegada, mas para isso fazer sentido, tenho que contextualizar umas paradas”. (AMARELO, 2020, 1:28:49) Através dessa introdução o documentário apresenta dez pontos que explicam de forma sucinta os temas que serão analisados a seguir:

- 1 - O Brasil como últimos país do continente a abolir a escravidão;
- 2- São Paulo como uma cidade que tem na mão de obra escrava a principal fonte de riqueza do período colonial;
- 3- O abandono da população negra pós abolição junto com as políticas de branqueamento e a demonização da cultura negra e indígena;
- 4- A ascensão de São Paulo como “terra das oportunidades” atrelada ao processo violento de gentrificação do centro da cidade e o surgimento de periferias nas margens da cidade;
- 5 - A chegada de pessoas pobres de outras cidades e estados em busca de oportunidades que são obrigadas a viver nas periferias, ajudando assim na criação da “multicultural periferia de São Paulo”;
- 6 - O modo como os jovens das periferias encontra no hip hop elementos para se expressar e compartilhar, principalmente através da música;
- 7- A música produzida pela e na periferia se espalha e se torna instrumento de conscientização social e racial e conectado a classe operaria e as ideias dos intelectuais negros brasileiros;
- 8- A música rap vista como sinônimo de denúncia, porém ela é muito mais do que isso e está profundamente ligada a outros estilos músicas, como o samba;

9- O rap é responsável pela emancipação financeira de milhares de jovens, grande parte negros por meio das plataformas digitais que possibilita a democratização e acesso a recursos que antes eram acessados por poucos, e por fim;

10 - O que move esses jovens é a vontade de reescrever a história do nosso país.

Como cenário de fundo o show do lançamento do álbum *AmarElo* feito no Theatro Municipal de São Paulo em novembro de 2019, que deu origem ao documentário *AmarElo* faz o esforço de costurar diferentes histórias que de algumas formas orbitaram o Theatro Municipal de São Paulo em diferentes momentos históricos.

no momento que a gente subir naquele palco é muito importante que a gente pense que daqui a cinquenta anos está vai ser a noite que transformou a vida de muita gente. Essa é a nossa forma de dizer pra quem tem uma origem como a nossa, que esse lugar é deles. Que a gente precisa sim, ocupar esse tipo de espaço, esse tipo de ambiente, e por que não, todos os ambientes que nos foram negados ao longo da história deste país? E os juízes, os médicos, os advogados, o próximo presidente tá sentado ali. Vamos devolver a eles o direito de sonhar. Firmeza? Muito obrigado. AmarElo é isso aí, rapaziada. (AMARELO, 2020, 1:25:00)

Com o intuito de fazer um resgate de histórias e trazer novos elementos históricos para a discussão da historiografia, o rapper ressalta a “importância de firmar um lugar físico grandioso” (AMARELO, 2020, 1:21:35) dessa forma, o cenário principal é o luxuoso Theatro Municipal de São Paulo, palco das principais expressões artísticas da cidade de São Paulo desde a sua fundação, na década de 1910, como a semana de arte de 1922.

O documentário trás em primeiro plano cenas do show, com vídeo dos bastidores da gravação do álbum e gravações caseiras, relacionando esses fatos com elementos históricos importantes. Enquanto o show é apresentado em cores vivas, os vídeos dos bastidores são apresentados em preto e branco, já os elementos históricos são em sua maioria feitos por meio de animação, fotos e registros de vídeos.

O documentário é dividido em três atos, ato I -Plantar, ato II – Regar, e ato III – Colher. Representa as fases da plantação, sobre isso Emicida diz, “a melhor professora a respeito do tempo das coisas é a terra. E não é papo de bicho-grilo, nem nada. Você coloca uma semente na terra, rega, quinze dias para ela germinar, dependendo do que for” (AMARELO, 2020, 1:12:04). Mais uma vez o tempo é colocado com elemento primordial da narrativa.

Ato I – Plantar

Para amarrar os pontos que foram mostrados no documentário, dois elementos são primordiais, o tempo, que por mais que faça menção a fatos ocorridos antes de 1922 traz nesse ano o grande marcador temporal, utilizando de toda arte produzida durante esse período para

ilustrar as análises. O outro ponto é o espaço, na sua forma geográfica, especificamente o centro de São Paulo e as relações estabelecidas com a periferia.

Em busca de um lugar que marcasse fisicamente o evento que seria o lançamento da turnê *AmarElo* como algo grandioso, ao mesmo tempo que estabelece significado simbólico ao evento, Emicida recorre ao Theatro Municipal de São Paulo. Sobre a escolha do Municipal como palco do show o rapper responde

não tem uma viga, tá ligado, não tem uma ponte, não tem uma rua, não tem um escritório, não tem um prédio importante que não tenha tido mão negra trabalhando para estar de pé hoje”. Só que eu disse isso pensando em mão-de-obra, tijolo, cimento etc. ‘essa resposta está meio certa (AMARELO, 2020, 1:10:58).

E aproveitando a resposta de Emicida, o documentário estabelece uma relação entre importantes personagens da história brasileira, a arte e as músicas do show, A primeira figura histórica resgatada e apresentada é Tebas, arquiteto fundamental para a renovação estilística da cidade no século XVIII.

Joaquim Pinto de Oliveira (1721 – 1811) é o nome por trás do recém conhecido Tebas, arquiteto do período colonial que vem sendo debatido e revisitado nos últimos anos. Tebas foi responsável por inúmeros projetos na cidade de São Paulo, entre eles a antiga Catedral da Sé e o Mosteiro São Bento, tendo o seu nome omitido dos documentos oficiais.

O “mestre pedreiro Tebas”, como é referido nos registros históricos, erigiu um pedaço da história do Brasil (FERREIRA, 2018). Tebas saiu da posição de escravizado aos 58 anos quando compra sua alforria. Disputadíssimo pela classe religiosa da época, que também era a classe que detinha grande parte do poder econômico, Tebas elaborou grande parte da ornamentação das igrejas mais antigas do centro de São Paulo, como a torre da antiga matriz da Sé, Igreja das Chagas do Seráfico Pai de São Francisco, a fachada da Igreja da Ordem Terceira do Carmo e o Chafariz da Misericórdia.

O reconhecimento ao trabalho arquitetônico desenvolvido por Tebas só ocorreu recentemente, em 2018, mais de 200 anos após sua morte, quando o Sindicato dos Arquitetos no Estado de São Paulo (Sasp) “localizou” a ligação de Tebas com a arquitetura religiosa do século XVIII.

Se a história de Tebas passou décadas despercebida para os estudados da arquitetura paulista, entre seguimentos do movimento negro está história já era conhecida. No documentário *AmarElo* ressaltam que Tebas foi tema de Samba-enredo em 1974, quase cinco décadas atras e mais de 40 anos antes do já referido reconhecimento profissional feitos por seus pares.

É curioso pensar que se para Tebas o reconhecimento por suas obras demorou tanto tempo, para outras pessoas, como João Artacho Jurado (1907 – 1983) o tempo foi muito mais bondoso. Apenas para elemento de comparação, Aratacho empresário do ramo imobiliário ficou conhecido como o “Arquiteto autodidata”, tendo projeto e executado importantes obras na cidade de São Paulo e no litoral paulista sem ser diplomado.

Tebas foi aqui apresentado também como um marcador físico e geográfico, que relembra que cada lugar que conhecemos dessa cidade de alguma forma teve influência negra em sua criação. Agora recorrendo a um marcador temporal o documentário cria uma “genealogia do samba”, apresentado os grandes expoentes do período e seus feitos.

Sendo assim, o ano de 1922 é amplamente discutido no documentário. Ultrapassando os limites da histórica Semana de Arte Moderna de 1922, que contou com a presença de Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Graça Aranha entre outros, são apresentados outros artistas e movimentos que também revolucionaram na época e que foram abafados pela historiografia, como o movimento do samba apresentado por Pixinguinha (1897 – 1973) e Donga (1889 – 1974).

Fazendo um paralelo com a Semana de Arte de 1922, na qual os artistas mostraram para o mundo obras modernistas e buscaram se desassociar da cultura europeia, os sambistas podem ser alçados a posição de modernistas, ao passo que foram responsáveis pela incorporação de novos instrumentos e ritmos no samba. Em busca de novas sonoridades, ao mesmo tempo que buscavam a legitimação pela arte que produziam.

Pixinguinha e Donga foram integrantes do conjunto Oito Batutas, criado em 1919. O que antes era uma reunião de músicos em comemoração do carnaval se tornaria um dos grupos musicais mais importantes da história do Samba e da música brasileira. Percusores do que seria a música popular brasileira.

De forma breve, porém marcante, Emicida recorre a Machado de Assis para ilustrar a relação do Samba com a pomposa arte discutida nas rodas sociais da época, na qual o samba representaria o “Brasil Real”¹¹, que para Assis seria “bom, revela os melhores instintos”. Ao passo que o texto de Assis faz oposição ao “Brasil oficial”, que seria “caricato e burlesco”. Estamos vendo aqui a exaltação do samba ao patamar de arte, sendo uma produção artística tão importante quanto aquela apresentada no Theatro Municipal em 1922. E para Emicida, “o

¹¹ “Não é desprezo pelo que é nosso, não é desdém pelo meu país. O país real, esse é bom, revela os melhores instintos; mas o país oficial, esse é caricato e burlesco.” Machado de Assis diz isso na sua coluna semanal no Diário do Rio de Janeiro. O texto trata de questões econômicas de 1861, porém a ideia de um Brasil dividido em bom X burlesco cabe para além do seu texto sobre questões econômicas.

samba é o Brasil que deu certo. E não há vitória possível para esse país distante do samba” (AMARELO, 2020, 1:03:46).

Me salta os olhos o uso de Machados de Assis nesta ilustração e, principalmente essa oposição entre dois tipos de arte. As obras de Machado são importantíssimas para pensar o Brasil da sua época. O redescobrimento de Machado como um homem negro mostra a importância de um grande autor que em seu tempo foi embranquecido contra sua vontade para servir a anseios de uma sociedade racista.

Os ritmos do samba são os mesmos ritmos que foram resgatados por Emicida para o álbum *AmarElo*, que em sua opinião representam os ritmos da zona norte de São Paulo. Se apropriando de uma variação do samba, o samba rock, Emicida define como “um ritmo que tem como berço essa “micrófrica” da pauliceia desvairada, mais conhecida como zona norte de São Paulo”. (AMARELO, 2020, 1:00:26).

A busca pela apropriação do samba no rap não é um feito novo, alguns artistas do rap já se aventuraram nas ondas sonoras do samba, buscando uma fusão dos gêneros, como Athaliba e a Firma, Rappin Hood, Marcelo D2 e Racionais Mc’s que “diluíram essa coisa estadunidense e ‘mostrando que é impossível passar pelo caldeirão cultural do Brasil sem ser influenciado pela alma local’” (AMARELO, 2020, 59:45).

E na busca incansável por novas narrativas e me atrevo a dizer, novas epistemologias, Emicida sugere um novo gênero musical, um produto da fusão do rap e do samba

minha ambição me diz que precisamos subir um degrau, e o amadurecimento desse movimento todo pede que a gente supere a fusão e se aventure na elaboração de um movimento, uma nova linguagem artística que com AmarElo eu tenho chamado de Neo-Samba. (AMARELO, 2020, 59:36).

O que Emicida está apresentando aqui é criação de uma teoria avançada de conexão entre estilos músicas que ultrapassem a utilização de elementos sonoros e possam ser pensados através da chave da construção histórica e combinação sonora. Uma conexão entre rap e samba que consiga ir além da já conhecida parceria e apropriação que existe entre os estilos, para criar uma ligação entre rap e samba que tenha nos seus surgimentos de estilos de protestos, altamente denunciativos e biográficos o seu ponto de convergência. De modo que me parece que está elaboração de certa forma recorre à antropologia, já que muitas músicas de ambos os estilos podem ser consideradas relatos etnográficos, e ao passo que Emicida defende que algumas músicas do samba são “retratos precisos, verdadeiros documentos históricos, tão incisivos

quanto os elaborados pelos rappers que vieram depois, mas em outra atmosfera”. (AMARELO, 2020, 59:08).

Ato II – Regar

Transportando o telespectador para 1942, 20 anos após a semana de 1922. O documentário começa essa segunda parte apresentando ao telespectador a intelectual brasileira Lélia Gonzalez, dona de dois importantes conceitos, sendo eles *pretuguês* e *amefricanidade*.

O primeiro, *Pretuguês* é o termo criado por ela para “se referir à tradição africana presente na língua portuguesa falada no Brasil; a característica tonal e rítmica do português seria uma herança das línguas dos povos africanos que vieram escravizados para o país.” (BARTHOLOMEU, 2019), pautando a variação do português falado no Brasil em comparação ao português de Portugal, assim como as dos países africanos que são lusófonos, o nosso português não seguiria uma “norma culta” (BARTHOLOMEU, 2019). Segundo Bartholomeu (2019, p.01) “Além da contribuição africana ela busca evidenciar a influência indígena na linguagem nacional, por considerar serem ambas matrizes desqualificadas ao não se adequarem aos padrões da chamada “norma culta” da língua”.

Já o conceito de *amefricanidade* diz respeito ao compartilhamento de experiências de pessoas negras na diáspora. Na qual pessoas negras de todo continente americano compartilha.

Lelia Gonzalez foi uma brilhante intelectual que ajudou a pensar linhas teóricas que hoje são amplamente estudadas, como feminismo negro e independência de países africanos, além de economia.

E dentro da política, em busca de cargos eletivos, Lelia se lança candidata ao Congresso Nacional em 1982 pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e pelo para deputada constituinte, em 1986 pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT).

Engajada no movimento político, Gonzalez foi uma das idealizadoras no Movimento Negro Unificado (MNU). Em 1978, no meio da Ditadura Militar (1964 – 1985), estava presente em São Paulo no ato público de inauguração do MNU, que aconteceu nas escadas do Theatro Municipal de São Paulo.

Outro fato importante e resgatada pelo documentário é que em 1938, a comemoração do cinquentenário da abolição da escravidão, organizados por remanescentes da Frente Negra Brasileira¹² aconteceria nas escadarias do Theatro Municipal.

Para que hoje a gente esteja neste lugar, que foi negado aos nossos ancestrais, muitas pessoas suaram e sangraram no caminho. Algumas pessoas, no auge da Ditadura Militar, tiveram a coragem de se levantar contra o Estado Brasileiro e seu racismo assassino, e dizer que daquele país precisava reconhecer o protagonismo das pessoas de pele escura na sociedade brasileira. Hoje, a gente tem algumas pessoas aqui que estavam na escadaria do Theatro Municipal em 1978 lutando contra o racismo. Para mim, é mágico estar aqui porque vocês estão aqui. Porque é realmente uma conquista histórica a gente ocupar este lugar, e eu gostaria de pedir para que eles se levantassem neste momento, nossos irmãos e irmãs do MNU (AMARELO, 2020, 50:41).

E é nesse sentido que Emicida mostra e reverencia essas pessoas em seu show dentro do Theatro Municipal, para que a juventude, aqueles que vieram depois possam saber qual é a força desse símbolo. O MNU pode e deve ser visto como algo grandioso e importante para a resistência negra na história da diáspora.

A força do símbolo, mano. O que aqueles caras e mina fez? Eles são sabiam o que ia acontecer em uma ditadura. Num país que mata gente preta sem constrangimento nenhum. No dia seguinte podia estar todo mundo preso, ou pior, morto. Mas eles atravessaram o medo, se levantaram naquela escadaria, para criar um símbolo potente de luta e união antirracista (AMARELO, 2020, 54:24).

Porém não é algo novo, as diferentes formas de resistência da população negra em situações de precariedade e de escravidão surgem no território brasileiro junto com o tráfico negreiro, os quilombos, as irmandades religiosas, entre outros. No momento que surgiu a escravidão afro-atlântico surgiu também a resistência.

Ato III – colher

Ao expor o que acredita ser a condição do negro na sociedade atual, Emicida expõem de forma direto o que consideramos o racismo estrutural.

Sabe quando nossas mãezonas, nossas tiazinhas mesmo de quebrada, as velinhas, as nega veia falava pra nós assim 'cês já é preto, vai ter que fazer dez vezes melhor pra ser visto como igual'. Eu acho que isso continua valendo, e a gente tem que estudar dez vezes mais. Porque a gente vai jogar no campo minado onde sua vida vale menos, ta ligado? O luto gerado pelo seu corpo morto é menor, ta ligado? A compreensão de qualquer deslize que você possa vir a ter, que é uma coisa que todo mundo está sujeito, é menor quando você é um corpo preto, ta ligado? (AMARELO, 2020, 59:58).

Aqui o documentário faz uma digressão de quase cem anos, para explicar o surgimento da palavra negritude pelos intelectuais pretos presentes na França como Aimé

¹² “criado em outubro de 1931 na cidade de São Paulo, a Frente Negra Brasileira (FNB) foi uma das primeiras organizações no século XX a exigir igualdade de direitos e participação dos negros na sociedade brasileira”.

Césaire. Negritude é uma filosofia que condensa valores culturais da África negra, na qual os negros se negavam a assimilar posturas e condutas vistas como colonizadoras, e “domesticadoras”.

Podemos dizer que o Brasil bebeu dessa fonte, a relação que se pode estabelecer entre essa filosofia e o surgimento do Teatro Experimental do Negro, pelas mãos do artista, político e intelectual Abdias do Nascimento são provas contundentes da aversão a possibilidade de “domesticação” que se manteve mesmo após o fim da colonização. “Abdias usa a arte para engrandecer nossa cultura, para além do mero entretenimento, mas também uma ferramenta politicamente potente”. (AMARELO, 2020, 1:03:16).

Abdias também foi o responsável por apresentar para o mundo a grande artista Ruth de Souza, considerada a Primeira-Dama Negra do teatro, da televisão e do cinema, sendo a mais vanguardista das atrizes negras do Brasil. Foi convidada para gravar uma música com Emicida, ao lado da também atriz Fernanda Montenegro, considerada a maior atriz viva do Brasil. A ideia era construir um encontro musical entre as maiores atrizes brasileiras como forma de referenciá-las, contudo Ruth de Souza faleceu antes das gravações em 2019.

O documentário segue para o seu final trazendo à tona o cenário da chegada da Covid-19 no Brasil

Pros Yorubas antigos, nada é novo. Tudo que acontece agora já aconteceu antes. Então você tem uma pandemia gerada por um vírus que influenciou uma quantidade absurda de gente no planeta inteiro, espalhando medo, espalhando insegurança e trancando todo mundo em suas casas receosos com relação ao outro e ao futuro. Quando você reflete com atenção sobre a natureza das coisas, você consegue antever alguns acontecimentos, porque, de alguma maneira a natureza sempre completa o seu ciclo, ela gira tipo disco de vinil na vitrola. (AMARELO, 2020, 1:21:24).

E desse modo o documentário encerra trazendo uma faísca de esperança no meio do caos que tem sido a pandemia de Covid-19 no mundo, especialmente no Brasil.

A gente viajou tanto no tempo, que me esqueci de dizer uma coisa importante. Há exatamente um século atrás o mundo começava a vencer a pandemia gerada pela gripe espanhola e um cinema juntar 8 músicas no seu saguão para espantar o medo e atrair as pessoas novamente para o seu interior. Esses oito músicos eram os nossos 8 Batutas. Que depois iriam ganhar o mundo. Não é mágico pensar que num momento como aquele, o samba foi o dissipador do desespero, o embaixador do encontro, dos sorrisos e abraços? É por isso que eu amo esse ditado, ‘Exu matou ontem um pássaro com a pedra que jogou hoje’. Todas as nossas chances de consertar os desencontros do passado moram no agora. Por isso camaradas que é tudo pra ontem. (AMARELO, 2020, 1:22:02).

E com uma belíssima fala da vereadora Marielle Franco, o documentário termina com ela falando que Ruth de Souza foi semente para que outras pessoas florescessem, assim como, sem saber, Marielle Franco também foi semente.

3 - ENTÃO FAÇAM DAS FLORES NAVALHAS / QUE FAREI DAS CANÇÕES BAIONETAS¹³

Eu quero te explicar tudo, mas nunca é a hora
 É que me ensinaram a
 Não ter medo de bater, de apanhar, ser baleado
 ou atirar
 O perigo mora em minha memória
 Cássia, eu sou poeta, mas não aprendi a amar
 (Baco Exu do Blues, Gal Costa, 2022)

Neste ponto traga para a discussão entrevistas que foram feitas em 2021, durante o período da Pandemia do Novo Corona Vírus (Covid-19). Para elaboração etnográfica, busquei conversar de forma online com pessoas de diferentes perfis sobre as suas perspectivas acerca do documentário *AmarElo*, lançado em 2020. Na busca por uma melhor metodologia de pesquisa para ser aplicada durante um período atípico cheio de incertezas, recorri ao uso da “etnografia de retalhos”, na qual a reformulação do campo tão importante para a antropologia se torna inevitável. Com isso, a elaboração de uma nova forma de ir à campo se faz necessário, assim, me apropriei da metodologia de Günel; Varma, e Watanabe. “Por etnografia de retalhos, nos referimos a processos e protocolos etnográficos desenhados em torno de visitas de campo de curta duração, usando dados fragmentado, mas rigorosos e, outras inovações que resistem à fixidez, holismo e certeza exigidas no processo de publicação”¹⁴ (Günel; Varma, e Watanabe, 2020). Sendo assim, fiz uso do meio digital para intermediar a minha relação com os meus interlocutores. Pedi também para que os interlocutores relacionassem o documentário com aspectos das suas vidas pessoais, para entender de que forma o rapper Emicida e a sua produção artística estão dialogando com o público em geral.

As respostas foram entregues através de textos e/ou áudios no aplicativo WhatsApp, abri esta possibilidade de áudio por entender que alguns dos interlocutores não teriam acesso a um ambiente equipado e agradável para escrever as suas respostas.

A elaboração das análises das respostas vai seguir uma sequência aleatória, buscando contemplar os diferentes temas abordados pelos interlocutores. Por não conter

¹³ Trecho da música *Vai Ser Assim*, do rapper Criolo lançada em 2015.

¹⁴ Texto “A Manifesto for Pactwork Ethnography” – tradução nossa.

informações que possa colocar os interlocutores em risco ou em situação vexatória, não vi motivos para troca dos nomes e, em comum acordo decidimos manter os nomes verdadeiros.

Apresentarei também pequenas ‘pinceladas relacionais’ que identifique entre autores que serão aprofundados no próximo capítulo, músicas e falas que giram em torno do “mundo” do rap. Minha intenção é demonstrar como a percepção dos interlocutores sobre a obra intelectual e artística apresentada por Emicida em *AmarElo* está associada às produções artísticas e intelectuais negras e latina mesmo que de forma inconsciente.

Por fim, acho necessário adiantar algumas análises das entrevistas. Por ser de SP e ter estudado no PA, tinha como objetivo dialogar como esses dois diferentes polos do país, no qual vejo uma diferença cultural imensa. Pensando nisso convidei 12 interlocutores todos nascidos entre SP e PA, 6 homens e 6 mulheres, desses 12 iria selecionar 6 para dialogar, 3 homens e 3 mulheres.

Como dito anteriormente, esse trabalho foi feito no auge da Pandemia de Covid19, um momento de muita dor e incertezas, por isso não tive a devolução que imaginei. A devolutiva dos interlocutores homens foi satisfatória, recebi retorno de todos, tive um interlocutor que não conseguiu desenvolver a sua resposta e optei por substituí-lo. Já as mulheres, tive um enorme problema, das 6 selecionadas apenas duas conseguiram me mandar suas respostas. Inicialmente não tinha considerado isso como um dado da pesquisa, mas acho que não por acaso as duas que conseguiram me responder são mulheres brancas. À medida que as mulheres pretas, talvez por conta do impacto da pandemia em suas vidas não conseguiram me responder. Outro ponto que é necessário ser elucidado é que errei ao fazer a divisão dos interlocutores por sexo biológico, sem considerar outras formas de gêneros e desconsiderando a sexualidade, também errei por não priorizar a seleção dos interlocutores por uma divisão por raça mais bem estabelecida. Compreendo que ao não dialogar com mulheres negras neste trabalho perdemos toda uma infinita contribuição de vivência, experiências e conhecimentos.

3.1 Apresentação e relatos dos interlocutores

Amaury Gonçalves é um amigo, jovem negro de 26 anos, nascido na cidade de Almeirim, no estado do Pará. É músico da banda de Carimbó Tatu Kanastra, aluno do curso de Engenharia Florestal da Universidade Federal do Oeste do Pará.

Posso começar falando que eu chorei toda as vezes que assisti o documentário, e entro em transe quando estou escutando esse álbum.

O cuidado na produção do documentário/álbum, é de uma delicadeza e de um carinho com quem vai escutar/assistir que eu sinto que foi feito especialmente pra mim, e foi.

Como um jovem negro e músico acho uma viagem genial traçar vários momentos da luta e presença negra no Brasil a partir da trajetória de músicos e outros artistas negros que usavam e usam a sua arte para inspirar pessoas e movimentos, Emicida como um grande admirador dessa galera faz exatamente isso, inspira jovens pretos a se movimentar e principalmente usar a arte pra isso.

Todo o paralelo traçado entre a música, a luta e a história que é apresentado no documentário homenageando essa galera que a vida é lutar, mas não uma luta individual que todos nós temos, e sim da luta coletiva que todos nós também deveríamos ter. Confesso que meu coração acelerou quando os 4 membros do MNU que estavam presentes se levantaram essa cena do municipal de SP todo aplaudindo eles a luta deles e agradecendo por não terem parado de lutar, - falando sério, só de lembrar fico todo arrepiado.

As parcerias e participações as que foram feitas e as que não foram possíveis de serem concluídas, pra mim escutar as vozes no álbum e posteriormente poder ver no documentário é lindo e me chega de formas que eu nem consigo explicar, é como diz a quarta música do álbum “Quem tem um amigo (tem tudo)”.

Toda a pesquisa que foi feita pra criação que culminou nesse álbum e finalizando com um documentário de bastidores e mais, nos faz ter uma imersão nas leituras e pirações do Leandro, fazendo assim ter uma sensação ao escutar o álbum e uma outra diferente, talvez mais sensível, escutando-o após assistir ao documentário, como estou fazendo nesse exato momento.

Todo esse documentário me dá muita esperança, muita força, ele me energiza a levantar e continuar lutando.

Alejandro Falabelo foi meu advogado, é um amigo, negro de 31 anos, nascido em Belém do Pará, capital do estado do Pará. É formado em Direito pela Universidade da Amazônia. Trabalha com direitos humanos e advocacia antidiscriminatória.

O primeiro ponto de ele estar sempre exaltando a família, achei muito do caralho que ele levou a família dele. Outra coisa que eu achei muito foda foi o trabalho de resgate cultural que ele fez, reivindicação cultural praticamente, fez todo o trabalho inverso ao que fazem aos brancos com a apropriação cultural. Ele trouxe dados, trouxe informações ali que eu não sabia, falou do brother lá que fazia as obras e ninguém falava que quem fazia aqui era um cara preto. Achei muito do caralho isso, ele fez uma puta trabalho de pesquisa provavelmente pra juntar tudo daqui de informação e compilar entre um show, uma apresentação e um documentário, ache do caralho isso.

E continuo com a impressão de que no final de tudo o financeiro acabou sobressaindo, até porque é o trampo dele e ele precisa ganhar, enfim, não dá pra botar todo mundo lá dentro de graça sem tirar a grana deles. Achei isso do caralho, a movimentação toda.

A interpretação que eu tive sobre o documentário é que é um trampo de resgate, de valorização cultural realente, de devolver pro povo preto o que é seu, o que a gente não sabe que é nosso. Achei muito do caralho, pra mim o objetivo dele foi esse, de realmente resgatar algo que realmente a gente perde por não ser contato, então a gente tem tudo isso registrado em um documentário agora.

Bruna Ferreira é uma amiga que conheço a dez anos, mulher branca, tem 26 anos, moradora da zona leste de São Paulo, estudou sempre em escolas públicas, é formada em Comunicação Mercadológica pela Universidade Metodista de São Paulo. Bruna sempre foi admiradora da cena Hip Hop brasileira, admiradora de grupos como Racionais Mc's e cantores como Criolo e Djonga. Ela brinca que é “fã do Criolo, antes de não existi amor em SP, na época ele era Criolo Doido”. Foi Bruna que me abriu as primeiras portas do Rap.

Eu já conhecia o Emicida desde os meus 15 anos, so que quando eu tinha 18 anos eu entrei em uma empresa pelo programa de Jovem Aprendiz do estado, que era um incentivo. Eu lembro que era na República e era uma sala de criança que estavam no programa de Jovem Aprendiz, jovens e adolescentes e que assim, realmente a galera ali era muito humilde, era um ou outro que tinha entrado no programa e tinha uma condição financeira mais bacana. Eu sempre ouvia Emicida, daqui a pouco eu posso até falar sobre a evolução dos álbuns dele com relação a minha vida, porque tipo, *AmarElo* pra mim é um álbum lindo, que eu gostei muito, mas eu lembro que a primeira vez que eu ouvi me impacto e hoje eu entendo esse impacto. Tá desassociado totalmente, algumas partes estão associadas, mas a grande maioria está desassociada com a minha atualidade, e o Emicida sempre foi o cara que contou das minhas dores, de algumas das minhas dores.

Então, depois refletindo eu fui descobrir que assim, esse álbum tá muito bom, mas ele fala de dores de uma pessoa que já chegou lá, eu entendo isso, de uma visão de quem já chegou lá. Diferente de *Pra quem mordeu um Cachorro* e *Emicidio*. *Pra quem mordeu um Cachorro* é quem tá na febre do rato, com a corda no pescoço, e *Emicidio* é quem tá começando a trilhar um caminho da hora, *Emicidio* e o *Doozicabraba*, então eu entendi que eu me encontro em uma fase da música do Emicida que é essa ainda. Ainda é do *Emicidio*, agora que eu tô me

sentindo mais livre, que eu tô dando a volta por cima, que eu ainda não posso dar alguns conselhos para pessoas como ele deu no disco porque eu ainda tô vivendo isso.

Voltando ao assunto do Jovem Aprendiz, era um programa que a empresa automotiva tinha de incentivo fiscal, eu entrei através desse programa, o trabalho fudido era igual, mas era através desse programa para ajudar a reduzir custos, so que a empresa era obrigada a te liberar um dia para fazer esses cursos na República. A sala era de pessoas majoritariamente de classe baixa, média baixa, mas muito mais baixa. Ali eu passei um ano e meia conhecendo essas pessoas, uma vez por semana, era a mesma sala sempre e eu criei um vínculo com essas pessoas por causa dos trabalhos em grupos e muito deles ainda são meus amigos. E isso já foi de 17 pra 18 anos. Eu tinha uma professora preta, ela era professora substituta, que é quando uma professora do curso faltava, a gente aprendia informática, essas coisas.

Eu lembro que ela não tinha matéria passar e resolveu levar a gente pra uma sala que tinha tv, e o que eu achei mais foda é que ela colocou uma entrevista do Emicida e assim, naquela época era o Emicida talvez do *Doozicabraba*, acho que sim. É era ele falando, dando várias ideias certíssimas, coerente pra caralho so que de uma visão que hoje é a visão que eu tenho da vida e com uma eloquência, com uma forma de falar que tipo, todo mundo da sala – Normalmente sala de vídeo era o caos - só que nesse caso todo mundo da sala ficou chocado. E aí essa professora preta falou assim “Vocês estão vendo que ele fala na gíria, que ele dá o recado que ele tem que falar, mas ele constrói a história do começo ao fim, que ele tem argumento, que ele fala de livro, que ele fala de disco, e ele fala de referências histórias, referências literárias”.

Eu fiquei muito chocada porque eu gostava já de Emicida, só que hoje eu vejo como aquilo foi importante a mil anos atras, tipo a 6, 7 anos atras. A gente viu quem não tinha a oportunidade de conhecer o Emicida conhecer. E conheceu um cara que falava na gíria, que era da quebrada, usa roupa da quebrada, que se portava como a gente, não tinha pompa nem nada e tinha referência, argumento na troca de ideia.

Eu acho que essa professora nem sabe quantas vidas ela impactou com isso, ela matou no peito, ela tinha a entrevista no pen drive, nem tinha cabo usb, nada na época. Ela meteu na tv e fez a gente ver o cara debulhando nas respostas e todo mundo parou pra ouvir porque ele falava “mano, tá ligado” tipo eu, só que ele tinha um argumento do caralho. Só que é isso, o Emicida de hoje um cara que eu admiro, pra caralho, ele chegou lá. Só que o Emicida do *Emicidio* parece que sou eu hoje, tanto que é engraçado, eu já tive várias músicas favoritas

do Emicida, e hoje, na minha fase atual a minha música favorita dele – tirando *Pra quem já mordeu um cachorro* porque aquilo é ouro em um álbum – mas a minha música favorita é *Beira da piscina*. Tem uma frase “deixa eu devolver o orgulho pro gueto e dá outro sentido pra frase tinha que ser preto” e eu acho incrível, você sabe que tudo se recria, o Racionais Mc’s tem uma frase que fala a mesma coisa, no *Negro Drama* ele fala, por causa do 2pac “seu filho quer ser preto, que ironia, cola um poster do 2pac ai, que tal? Que ce diz? Sente o negro drama, vai, tenta ser feliz”. Então hoje que eu tô mais velho e que eu tô refletindo mais sobre as coisas, você vê a potência desse filho da puta? Como ele fala em *Eminência Parda* “Eu pastorei a negra olha que vagou dispersa, polinização pauta a conversa até que nós chamem de colonização reversa” ou quando fala “meto terno por diversão, é subalterno ou subvenção?” e exatamente o que a professora falou pra mim, ele faz isso porque ele quer, hoje ele pode, mas ele continua na raiz dele, foda pra caralho.

Com *AmarElo* eu acho que ele completa um ciclo, quando a agente vem falando da discografia, da história do Emicida, a gente vem vendo uma evolução, desde o momento de revolta dele, até o momento atual de ascensão e reconhecimento. O documentário é incrível porque vem embasado de vários lugares muito delicados da nossa cultura. E eu acredito que não exista representatividade melhor que a arte para falar sobre isso. Eu acredito que o brasileiro já nasce educado pra ser homofônico e racista, posso estar equivocada, mas na minha visão a arte foi sempre o primeiro espaço pra empoderar. O que a gente (não) via no rap, o que a gente (não) via nos compositores um espaço pra discussão. Posso estar equivocada, mas no meu ponto de vista *AmarElo* trouxe esse espaço para discussão, um espaço de acolhimento pra quem necessita, diferente do princípio onde a ideia era mostrar pro mundo as dores e chocar. Então, eu acho que hoje o Emicida vem com um papel muito importante assim de mostrar que é no encontro e no diálogo que a gente vai resolver isso.

É obvio que tem assuntos que não tem que ser poupados, mas outros sim. E não é nem poupar que eu tô querendo dizer, tipo assim, podem ser tratados com o diálogo, e eu acho que o Emicida tá muito nessa fase. E o Emicida no documentário fala muito sobre paciência, e foi o que eu disse anteriormente, quando a gente tá com a corda no pescoço a última coisa que a gente tem é paciência. O Racionais, por exemplo, que eu sou fã, eles vêm colocando o dedo na cara e empoderando quem tem que ser empoderado mesmo, colocando as pessoas no seu devido lugar, de uma forma muitas vezes até violenta, mas pra dar um espaço. E eu acredito que naquela época era a única forma que eles viam como se apresentar pro mundo, mostrar

quem eles eram. E acredito que com *AmarElo* não foi dessa forma, com *AmarElo* o Emicida veio querendo trazer uma potência, mas uma potência pacífica.

O contraste bizarro do *AmarElo* pra mim foi colocar aquela galera no municipal. Eu mesma acho que nunca entrei lá e eu viva lá. Vivia lá, na galeria do Rock e aquilo é um patrimônio histórico que pouca gente teve acesso. E eu acho que as bandeiras do Emicida me causam sentimentos a flor da pele porque eu venho de uma classe média baixa, minha mãe é nordestina, tem as bandeiras xenófobas que ela precisa levantar e sempre foi de um lugar também de muita opressão. Então, ver desde criança com 15 anos, artistas potenciais e quando eu falo é independente da cor de pele, na época pra mim era ver artistas falando o que eu sentia com relação a minha família, com relação a falta de dinheiro que mano, assolava a minha vida. E ver alguém dando força, era esperança sim, de ver as coisas mudarem. Talvez quem tivesse voz falar por quem não tivesse, sabe?

E eu vim de batalha de Rap porque eu me relacionava com gente que era envolvida e eu amava isso, amava a forma de expressão da batalha, amava o raciocínio lógico das pessoas que batalham – batalha de rap – e eu ficava chocada assim, que era gente como a gente que tinha uma *expertise* fudida nisso – Na época eu nunca chamaria de *expertise* – mas vendo essa construção, vendo que tem gente falando por nós e cada vez mais tem gente tendo voz aí na televisão, falando um pouco sobre o que a gente sofre, porque a nossa geração parece que nasceu com a corda no pescoço, eu já falei isso, mas parece que assim, a gente não tinha vez, nas novelas, gente igual a minha mãe sempre era empregada, sempre era o elenco que não tinha potencial, que se não se engraçava com algum homem e tudo mais, sem falar da galera preta, tá ligado.

Então, eu acho que essa é realmente a importância, não sei se ficou claro mas eu acho que o Emicida chegou num ponto, em um patamar que ele consegue ver a situação de uma forma que hoje eu não sei se ele se curou, mas eu acho que hoje ele olha com um olhar inteligente e um olhar mais pontual pra conseguir resolver os temas que são necessários, acho que até por isso ele colocou nome do documentário de *é tudo pra ontem*, que tem coisas que tem que ser resolvidas agora e entendendo a evolução da nossa história brasileira, ainda mais com a música a gente precisa falar desses temas e a arte foi o primeiro lugar que deu espaço – ao meu ponto de vista, eu não sou da literatura – enfim, mas parece que a arte da música do entretenimento deu espaço, sabe?

E eu acho que é bizarro, porque o Emicida, o Racionais sempre falou pra galera preta, pra galera miscigenada, pra galera mesmo que se identificava com isso, e eu não acredito

nem que eles imaginavam na potência que eles teriam até com as pessoas brancas que passam por certas necessidades. E eu acho que o Emicida deu o start nisso, ele entendeu que dá pra conversar – e eu não tô falando que a falta de conversa é errada ou que militar é errado, muito pelo contrário, eu acho que é dessa forma que as coisas aconteceram e o Emicida só tá aí porque o Racionais explicou pro mundo o que era um cadeia, o que era a vida na favela. Mas eu acredito que o Emicida tem sabedoria a ponto de saber que pro momento atual a gente precisa estar à frente e falar da forma certa. Por isso que eu acho que ele vem trazendo o samba, trazendo a galera do modernismo de 1920, que de uma forma ou de outra tentavam ainda fazer isso.

Eu queria dizer que tipo assim, quando Emicida lançou esse álbum eu achei pacífico, diferente de tudo que eu tinha visto, mas bom. Depois com o tempo eu fui pensando e refletindo sobre e entendi que ele está onde ele tem que estar porque ele já tem essa visão que eu não tenho, e ele tem esse papel, ele conquistou esse espaço, e é sobre isso, talvez ele já tenha dito tudo o que ele tinha pra falar na época que ele passou umas necessidades, e um dos fatos de não amar esse álbum foi porque hoje, atualmente eu não estou nesse patamar ainda, então eu não tive grande identificação com algumas letras, mas são necessárias. Ele escreveu isso com um olhar de quem pode aconselhar a gente, então é um álbum necessário.

E tipo, eu entendo isso pra caralho, porque assim, eu só conheci o rap e Cena e o movimento em si, porque eu tava passando o que os caras tava falando, entendeu? Eu não sou negra, tem várias questões que eu nunca senti na pele, mas tem outras coisas que eu me identifico muito. E eu acho que assim, é uma cultura que deveria ser presada muito, tá ligado? Porque quem eu conheço daquela época quando eu tinha 15, 16 anos e fazia parte dessa cena hoje tem um lugar de fala de uma pessoa branca dentro dos espaços de pessoa branca, tá ligado? E eu acho isso muito válido, assim como eu tento fazer isso, eu tento conversar sobre isso com quem eu tenho espaço, espaço com quem eu posso falar porque posso agregar, onde eu não posso eu não falo, deixo quem tem que falar, falar e o protagonista dessa história falar. É bizarro porque eu vi toda a galera dessa cena que cresceu junto comigo ter a mesma vontade, o mesmo desejo de mudança, diferente da galera que não teve acesso a essa cultura, diferente dessa galera que não se conectou com arte, com esse movimento na adolescência ou na infância.

A gente tem uma tatuagem do Racionais porque eu tinha um beliche e eu chorava ouvindo as letras dele porque era o que eu passava dentro de casa e eles foram um conforto pra mim. E o Emicida também é um conforto, mas como eu acompanho desde o começo eu quero estar onde ele está, quero que os meus amigos estejam onde ele está, então eu ainda estou

no álbum lá de 2012, 2010, tá ligado? Mas eu ainda vou chegar lá! E eu acho que as pessoas têm essa consciência também sobre isso, é um acalanto, mas também é um incentivo.

Quando eu tava no começo do ensino médio meus pais se separam e mesmo estudando em escola pública eu tive uma visão de uma galera que tinha uma situação financeira um pouco melhor, e foi as letras de rap que me fizeram entender muitas coisas. A gente tem o Rachid aí que tem uma música que nitidamente – eu posso estar equivocada – ele fala sobre isso, “nunca fugi de casa mas meu coração já tinha ido faz tempo”, e eu era uma adolescente e eu consegui expressar o meu sentimento, dar nome ao meu sentimento através desses caras. Então esse espaço é muito importante, a arte realmente ela tem e vai continuar transformando muitas pessoas por aí assim como transformou a minha vida.

Guilherme Oliveira é um amigo que conheci em 2014, jovem negro, tem 29 anos, nascido na cidade de São Bernardo do Campo, é formado em Engenharia da Informação pela Universidade Federal do ABC, participou do programa Ciências Sem Fronteiras, é pós-graduado em gestão de negócios e diretor comercial de uma multinacional.

Bom, de forma geral pra começar, eu achei o documentário artisticamente muito bem-feito, acho que assim, em questão de produção, em questão da história que ele queria contar do começo ao final acho ela extremamente amarrada. Acho que nesse documentário tudo tinha um porquê de estar lá, foi tudo muito bem conduzido e também com uma produção fantástica, e nesse sentido por que eu quis destacar esse ponto? São raras essas produções que nós negros temos acesso e que existem com esse nível de investimento, de produção, então eu achei uma coisa bastante nova pra mim, por exemplo, eu nunca tinha visto isso no Brasil, um documentário dessa forma, um documentário meio musical, me fez lembrar muito por exemplo de “Blak is King” sabe? dá Beyoncé, que obviamente são coisas bastante diferentes, a forma como é conduzida, mas me trouxe essa questão, sabe? De colocar o negro, o papel do negro, o trabalho dos negros nos holofotes. Então eu acho que ter uma produção desse tamanho, muito bem-acabado, muito bem-produzido, muito bem elaborado, pra mim, o Emicida tem muita responsabilidade, um papel muito importante nisso em amarrar toda essa história e ele como um rapper ele conseguiu amarrar tudo isso muito bem, passando a mensagem que ele queria passar do começo ao final do documentário.

Então de forma geral o documentário é fantástico, irretocável. Acho que na parte final, da pandemia eu acho que talvez eu estivesse com uma expectativa um pouco maior, o assunto da pandemia ficou muito no final, mas eu também entendo que possivelmente toda a

produção foi feita fora de um contexto de pandemia e ali a pandemia estava começando, então de certa maneira não tinha muito o que se colocar ali a respeito da pandemia, mas assim, em linhas gerais p documentário é fantástico, fantástico mesmo.

Entrando em alguns pontos que eu queria me aprofundar um pouco mais, primeiro sobre a linha histórica que ele colocou no documentário, achei muito legal, muito interessante essa linha histórica, porque é uma linha histórica que eu não conhecia, pra ser bem sincero. Não fazia ideia, uma linha histórica que ele trouxe o protagonismo negro na história do Brasil a gente não vê em livros de história, quando a gente vê por exemplo em questão de arte, da música, ela é muito centrada nos brancos que faziam música na época, então ele trouxe esse protagonismo que é um protagonismo existente só que ele não é visto.

Então essa questão da própria música, do samba, a importância dos negros pro exemplo na semana de arte moderna, tem aquele episódio também da ocupação do municipal, a Ruth é uma pessoa que eu vi uma vez na vida e não parei pra pensar e saber da grandiosidade de uma atriz como ela, de um nível fenomenal, nunca imaginei isso, não tinha visibilidade disso, então eu acho que ele trouxe elementos históricos extremamente importantes e que geralmente a gente não tem acesso. Na verdade, tá aí, mas a gente não acessa, de certa forma. Então foi bacana ele ter contado essa história sobre os assuntos que tocam a música dele, a arte que ele produz, o hip hop, a música, a própria poesia, eu acho que isso foi extremamente importante trazer. Então eu gostei muito dessa parte, achei extremamente importante essa linha histórica que ele colocou e pra mim casou muito com toda a construção do próprio álbum dele, então ele trazia esses elementos de história e linkava isso com a música, que pra mim foi uma coisa fenomenal, foi genial.

Jabes Micael Sousa dos Santos foi um colega de sala no início do curso de Antropologia, um jovem negro, tem 24 anos, nascida na cidade de Santarém é quilombola do quilombo Bom Jardim, atualmente é aluno do curso de direito na Universidade Federal do Oeste do Pará, foi aluno da turma de 2018 de antropologia da mesma universidade.

“Tudo o que nós tem é nós”. Essa é a frase que ecoa em uma das canções do álbum *AmarElo* do rapper, cantor e compositor Emicida. Em 2019 o artista lançou um documentário na Netflix, sob o mesmo título do álbum, nos apresentando com uma aula de história sobre a população negra no Brasil e os artistas pretos que sempre contribuíram para a repercussão da música brasileira, mas, que pouco, ou quase nada, são lembrados com este legado atualmente.

Emicida nos faz transitar em um misto de emoções ao longo do documentário. É emocionante e doloroso ao trazer às nossas memórias a trajetória da população negra que, jogada a própria sorte e colocada como marginalizada na sociedade brasileira, se vê agora diante de uma “nova escravidão”. Essa escravidão não mais usa chicotes e amordaças para controlar os negros, o sistema político empurra essa classe sem nenhuma assistência para os espaços subalternos da cidade e lá eles tendem a sobreviver como podem, como conseguem. Foi assim que se formaram as favelas.

Lembro da frase que sempre ouvi em noticiários “favela é terra sem lei”. O Estado, dotado do seu poder de coação, atua duramente para evitar que essa população “marginalizada” sofra com o tráfico, mas a gente sabe quem criou a favela, a gente sabe quais são os rostos estampados e mortos no noticiário e sabemos que o alvo é sempre o mesmo. O cantor Emicida nos mostra através de suas rimas e poesias o Brasil que soube exatamente o que fazer com os negros após a escravidão. Esse papo de preto morrendo na mão de branco não é de agora!

Mas a luta do povo preto é constante, é resistente e é também pujante. O documentário revela a história de um povo que tem a alegria no sangue, a inteligência e soberania de criar algo novo em meio a dor e sofrimento com maestria e elegância. Não se pode esperar menos do que isso de um povo que descende de Reis e Rainhas! O samba foi criado pelo povo preto, um ritmo contagiante, feliz, dançante e futurista. É o povo negro se mostrando para o mundo com suas danças e instrumentos também criados por eles.

De marginalizados à donos de um estilo musical que é a cara do Brasil. Fale em Brasil e logo pense em samba. Fale em samba e logo pense em? pois é. Quem criou nem sempre é lembrado. Emicida nos traz a triste realidade de um povo que mais uma vez é empurrado para longe do lugar que é seu por direito. E não é somente do samba que estamos falando, o rosto que desbravou os teatros e a televisão é preto também, uma mulher preta, chamada Ruth de Souza; um dos maiores músicos da MBP, advinha? Preto também, Sr. Wilson das Neves. Mas é claro, você não ouviu falar deles e isso é proposital, acredite!

A relação apontada pelo compositor Emicida nos revela que existe um lugar natural das coisas, como elas devem ser. Pode também ser chamado de status quo. É o racismo que se entranhou estruturalmente em nossa sociedade e continua afundando o povo preto e, o pior de tudo, continua normalizando as vidas pretas que se perdem. Emicida passou a visão que o sistema não quer que a gente veja: “quem disparou usava farda, quem te acusou nem lá num tava, é a desunião dos preto junto à visão sagaz de quem tem tudo, menos cor, onde a cor

importa demais.” Já dizia Criolo “a mão que segura o chicote não é invisível, quando eles disserem “calem a boca desses meninos”, eles vão calar!” Aqui eu dispensei explicações.

Assisti ao documentário dias depois de ver alguns trechos do julgamento do policial americano que matou George Floyd em uma “abordagem policial”. Me doeu na alma! Senti um vazio enorme e um sentimento de impotência que me devastou por instantes. Paralisado! Assustado! Irritado! Com medo! Medo em pensar que poderia ser eu, meu pai ou meu irmão ali sufocado. Medo de pensar que o rapaz ali com um joelho sob a sua garganta sufocando-o poderia ser qualquer pessoa, mas nunca um homem branco. A realidade dos pretos é a mesma em qualquer lugar do mundo, seja aqui no Brasil ou lá nos EUA e Emicida tem razão quando diz que a única coisa que ainda corre livre aqui são nossas lágrimas.

Qual será o segredo? Em certo momento fujo do pensamento do Emicida e acredito que a gente nasce sozinho e morre sozinho, como aponta o rapper Djonga. O que vem para nós no futuro? “Direito para nós, nem pensar! “Vamos morrer juntos na merda e gritando: é nós, ó.” De certa forma, parte do que Emicida conceitua em seu documentário está ligado ao fato de que, desde que a gente se entende por gente, ninguém está por nós, entendeu? É a comunidade negra sempre remando contra a maré e lutando para não morrer afogada como morreram nossos antepassados. É por esse motivo que os negros que ajudaram a construir este país e contribuíram para o enriquecimento dos barões não são lembrados hoje. Por esse motivo nos colocam em posições de subordinação e o protagonismo vem na nossa contramão. Por isso ainda temos que explicar a necessidade das cotas e o porquê você foi racista em certa situação.

A virada para revolução chega quando entendemos que o que temos de mais precioso é uns aos outros. Não há nada que consiga quebrar um elo bem estabelecido, o que a comunidade preta dos EUA já entendeu é exatamente isso: mexer com um dos nossos é mexer com todos nós. Por esse motivo é que quando um negro é morto nos EUA todo o país fica abalado e todas as estruturas sociais se movimentam. Ouço os gritos de protesto pela vida de George Floyd ecoando em meus ouvidos até hoje. Foi preciso anos de sofrimento para entender que juntos a luta avança mais rápido.

No Brasil, o racismo é tão velado e estrutural que uma semana de reportagens e homenagens para uma criança que foi morta por um policial é o suficiente para esquecerem do que aconteceu. Basta um homem ou uma mulher branca falar sobre racismo que já querem coroar como “rei dos negros na luta antirracista”, nos tiram até o direito de falar pelos nossos. Mas Emicida entendeu a mensagem. O documentário *AmarElo* é o manual do que precisa ser feito. É sentir é a dor do outro como se doesse em mim. É celebrar a felicidade individual dos

outros como se fosse nossa também. É entender que o caminho que nos levará até a luz é trilhado por mim, por você, por todos nós! É amar ao próximo com a si mesmo. É ubuntu. É saber que tudo o que nós tem é nós!

O documentário ainda nos dá uma aula de representatividade! Sabe aquela frase da cantora Beyoncé que diz que não a convidaram para sentar-se à mesa, então ela construiu a sua própria mesa e convidou os seus para se sentarem? Emicida faz exatamente o mesmo, ele escolhe o erudito palco do Teatro Municipal de São Paulo, um lugar de elite, coisa nobre, quem é de SP deve saber do que estou falando, e convida os seus para prestigiar um show que conta a história deles, a história do povo preto.

Por fim, originalidade. Diversidade. Representatividade. São essas as palavras para definir o show que é o pano de fundo do documentário. No palco, uma inspiração, um fruto do meio encantando com letras que nascem do berço das vivências negras no Brasil. Na plateia, reverenciando, estão crianças, famílias, pequenas partes que juntas formam um grande elo de amor. Certamente este dia ficará marcado na memória de quem esteve presente. Imagina daqui há um tempo você dizer que foi ver o Emicida cantar no Teatro Municipal de São Paulo. Nossa! É significativo demais! Emicida se consagrou como tantos outros, Martin Luther King; Jesus Cristo; Buda; Mandela; entendeu quais são as duas coisas mais importantes: a primeira, só há uma coisa que pode mudar o curso da vida, se chama “amor” e a segunda, tudo o nós tem é nós!

Jessica Miranda foi uma colega de sala e projetos, é uma jovem nascida em Santarém, tem 24 anos, formada em Aantropologia pela Universidade Federal do Oeste do Pará, atualmente é mestranda do Programa de História Da Arte na Universidade Federal de São Paulo, estuda as relações da antropologia com o teatro.

O documentário *Amarelo - É Tudo Pra Ontem*, do rapper brasileiro Emicida, estreou em dezembro de 2020 na Netflix e foi avassalador. A produção audiovisual enaltece a cultura afro-brasileira, enquanto mostra o show do cantor no Theatro Municipal de São Paulo e os bastidores do disco que leva o mesmo nome do filme. Apesar de a narrativa do Emicida contar a história do Brasil a partir da cultura negra desde do sistema escravocrata até a imensa desigualdade racial ainda existente nos dias atuais, o foco do documentário está em dar luz ao protagonismo negro nos principais movimentos artísticos, políticos, sociais e culturais do país, em contraponto ao processo de branqueamento instaurado pela colonização.

Nascido em São Paulo, o cantor percebe durante a sua vida na periferia que as zonas marginais da cidade, possuem classe e raça. Quando falo em marginalidade, me refiro às margens do centro urbano. Existe um espaço geográfico na cidade – excluído das políticas de acesso à educação, saúde, saneamento básico, segurança, bem estar etc – em que são consideradas as “margens”, as zonas marginais, lugares onde o Estado não chega. Ou seja, marginalizados são aquelas pessoas que não usufruem de direitos básicos e precisam ocupar o “não lugar” da cidade para sobreviver, portanto, são sujeitos subalternizados.

Nessa perspectiva, o rapper conta as histórias da música negra como o samba e o hip-hop através de bairros paulistas que participaram de diversos movimentos socioculturais. Além de, também, destacar alguns lugares nunca ocupados por pessoas negras, apesar de serem construídos, literalmente, por elas como por exemplo o próprio Theatro Municipal. E, frisa que ocupar os espaços historicamente negados e reconhecer a presença determinante dos negros na conjuntura política, social e artística é reescrever a história desse país.

Com um recorte histórico de 100 anos, Emicida mostra ao longo do filme, presenças negras ilustres que fizeram, de fato, história. Faz uma homenagem ao sambista e baterista que tanto admirava, Wilson das Neves, além de referenciar a filósofa e intelectual Lélia Gonzalez, o ator, dramaturgo e político Abdias do Nascimento, a primeira atriz negra da TV brasileira, Ruth de Souza, o conjunto Oito Batutas, que tinha Pixinguinha na flauta, e o compositor Johnny Alf. E, veementemente, traz para o documentário a consagrada luta antirracista, com participação dos fundadores do Movimento Negro Unificado, que em 7 de julho de 1978 enfrentaram a ditadura militar e ocuparam as escadarias do Theatro Municipal da cidade de São Paulo.

Em 90 minutos, o telespectador experencia um processo de jardinagem. Essa é a metáfora que divide o longa-metragem em três partes, plantar, regar e colher. Nesse sentido, a produção audiovisual busca trazer o telespectador não só para as raízes da luta racial, mas perceber que o Emicida, como artista e intelectual só existe hoje porque outros, muito antes, foram plantados, regados e colhidos no jardim da história. Esse olhar pra natureza quanto escola da vida, nos faz compreender o tempo das coisas, o valor das ações, o cuidado e o respeito a toda e qualquer vida existente na terra. É assim que o Emicida analisa a sociedade: estamos colhendo o que plantamos.

A primeira faixa do álbum que é “Principia” com a participação de Fabiana Cozza, do Pastor Henrique Vieira e Pastoras do Rosário é um abraço. A canção é uma memória afetiva. Nos leva para um aconchego de vó, de mãe, de amigo, de amores. Nos relembram encontros.

E, como diz o próprio Emicida, são nesses encontros que a vida faz sentido. Com participações da renomada atriz Fernanda Montenegro, do cantor e compositor Zeca Pagodinho, da cantora trans Majur e da artista drag queen Pablo Vittar, a narrativa proposta mostra como as redes de afeto e cuidado com o outro fortalecem estratégias de luta pela liberdade. O amor como o elo e a força de amar como um suspiro.

Por isso que é tudo pra ontem. Fica cada vez mais latente que essas redes precisam existir e conectar cada vez mais pessoas com outras tantas. Além de, imprescindivelmente, interligar histórias. É com muita maestria que o filmedocumentário apresenta muitos desses encontros: ora de afetividades, ora de gerações artísticas, culturais e políticas. E organiza uma revolução histórica de sobrevivência e de vivência ao contestar e destruir as diversas formas de apagamento do ser. Esse sujeito que foi desumanizado, subalternizado, ignorado, excluído e morto – subjetivamente e literalmente – durante a história racista do Brasil, assume sua narrativa de vida, ele está vivo.

Amarelo é um elo entre o azul e o amarelo, poetiza Paulo Leminski e eu digo, *AmarElo* é o encontro que deu certo.

Mateus Rodrigues é um jovem branco nascido em São Paulo, tem 26 anos. Estudamos juntos no ensino fundamental e médio. É membro do grupo de Rap SERES TAPES. Atualmente trabalho com gravação e edição de vídeos.

Cara, que documentário, chorei do início ao fim, parecia uma criança. Mano, se é louco, trouxe umas informações assim, tipo, nunca tinha chegado pra mim, eu sabia de toda a importância da junção do rap com o samba e tal, a gente vê as produções sendo feita já faz um tempo, mas, historicamente é outra coisa, uma conexão muito mais profunda. Me fez perceber que o rap hoje é o novo MPB, não só pra mim, mas uma pá de gente vê isso sabe? O rap é a música popular brasileira hoje não só por ser a música que está mais em alta, mas também pela luta.

O MPB, a bossa nova, toda essa geração do samba vieram disso, vieram da luta, vieram buscar isso. Eu vejo que muitos gêneros musicais perderam isso com o tempo, com o aumento da informação e da tecnologia muita gente acabou fugindo desse lado da luta e foi indo para outro canto e o rap foi vindo mais. Hoje e dia meio que está se perdendo um pouco, mas eu acho que de 2000 pra 2010 o rap foi o ponto mais forte na luta antirracista, porque começou a tomar outras proporções, o rap começou a ir pra tv, começou a ir pra outros lugar,

eu vejo que o rap é um dos pilares muito importante, não só no Brasil mas no mundo na luta antirracista e isso é foda, ne mano.

E o foda cara que eu vejo que eu hoje em dia muita gente fala que o rap não tem cor, aí o Nego MAX veio e soltou uma música até, “o RAP não tem cor o caralho, o RAP é preto mano”. E é, tá ligado, não tem como negar que é, porque você falar que o rap não tem cor é a mesma coisas que você apagar toda a história, toda luta, desde os anos 1990 com Racionais Mcs, desde antes tá liga, com a galera que fez o terreno pro rap chegar, tá ligado, é você acabar com toda essa luta, é deslegitimar tudo isso, todo que eles fizeram pra gente estar aqui hoje, então o rap é sim preto. E eu tenho medo disso, porque hoje em dia você vê até o Kyan, que é um mano que tá bem famoso hoje em dia, ele soltou uma música na Pineapple -que é um canal hoje que é muito importante que sai muita coisa influente de lá – ele soltou uma música que se não me engano chama *eu vim de lá* e ele fala exatamente disso “se o rap é preto porque estou em lugares que temais brancos do que pretos?”

Ele faz um questionamento, tipo “se o rap é preto porque eu estou do lado de tanta gente branca?”, “se preto pode ser rico, porque eu sou o único o único preto em volta de tanto branco rico?”, “se tem mais tem mais rico no brasil porque o branco é que me entrevista?”. É foda isso, no meio de onde ele está – ele é um MC da baixada santista, da favela de lá – hoje em dia a galera ainda não entende que o bagulho é de origem negra, é de origem preta, é de origem do gueto, tá ligado?

Pra nós, MC’s brancos têm que entender onde está pisando, tem que saber o solo que a gente pisa. Tem que respeitar, porque não é um bagulho nosso. É, porque é de todo mundo, só que a gente tem que respeitar a origem, respeitar quem asfaltou esse solo que a gente tá pisando hoje do hip hop, tá ligado? Não só do hip hop, do Brasil inteiro. É foda ver que até hoje em dia esses questionamentos são pautas e são pautas necessaríssimas,.

É isso, esse documentário – Eu como produtor, MC, videomaker, pertencente da cultura – me fez rever muitas coisas que eu busco também, ver o Emicida ali, em uma casinha no meio do mato plantando com a família dele, com os filhos dele, eu acho que isso é o que todo mundo quer. Uma casa no meio do mato, “nadar no riacho, sem fome, pegando as frutas do cacho”.

Acho que é um desejo de todo ser humano, voltar a ter uma vida real, ter uma vida humana mesmo, não essa vida que a gente leva. Eu sinto que a sociedade inteira está levando pra um caminho totalmente errado, só pensando me bens materiais, devastando a natureza cada vez mais. Eu sinto que esse não é o caminho, tanto que eu acho que estamos vivendo tudo que

estamos vivendo agora por conta disso. Acho também que tem muita gente, principalmente artistas e gente influentes que tá percebendo que o caminho é voltar pra gente ser o que a gente realmente é, da atenção pra natureza, da atenção pra família, construir coisas novas, não tão novas, já viemos disso e nós perdemos. Mas é reconstruir, uma sociedade digna, com igualdade, com espaço pra todo mundo, com amor pra todo mundo, paz pra todo mundo, tá ligado? Acho que esse é o caminho mesmo.

A arte e a cultura em geral proporcionam isso, esse olhar mais sensível pro mundo, pra sociedade, pras pessoas.

Yuri Rodrigues foi um colega do Coletivo Negro Alessandra Caripuna, tem 26 anos, negro, formado em Gestão Pública pela Universidade Federal do Oeste do Pará. Fundador e produtor executivo da produtora Dzawi Filmes.

Eu me chamo Yuri Rodrigues, bacharel em gestão Pública, sou um homem negro, tenho 24 anos e nasci no município de Barcarena, no Pará, região norte do país. Começo falando que o documentário *AmarElo* é um grande exemplo de representação do país a partir de uma perspectiva decolonial ou mesmo de quem ver de perto as fissuras deixadas pelas heranças históricas de desigualdades do Estado. É importante poder comparar o documentário com a forma que somos ensinados, no ensino básico, sobre a formação econômica, política e cultural, e ver o quanto é reproduzido nos livros uma perspectiva negacionista de contribuição da população negra e de outras etnias que não seja o processo de escravização. Essa herança é acompanhada pelo famoso racismo estrutural, no qual regula até hoje os lugares que podemos ou não entrar. Um grande exemplo, é a citada gentrificação maquiada pela política urbana que formaliza a segregação social e racial neste país. É interessante pensar que um local público, por ser público, todos e todas podem entrar. Por outro lado, é possível enxergar as contradições, pois mesmo que os teatros, museus, parques e até mesmo igrejas, tenham sido construídos por meio da exploração de pessoas pobres e negras, não foram PARA pessoas pobres e negras, mas sim para uma classe social e econômica dominante. Em Belém, no centro da Amazônia, podemos ver muito bem como essas situações se expandem para outros cantos do território nacional. Na capital, existem dois lugares públicos de grande evidência, como a feira do Ver-o-peso, maior feira ao ar livre da América latina e a cem metros de distância temos a conhecida Estação das Docas. A primeira faz parte do imaginário popular e é vista como lugar democrático e de todos, mas por ser do povo é lido como lugar sujo e perigoso. Já no segundo, é um lugar público que foi revitalizado, delimitado por grades, tem seguranças e só pessoas com alto poder

aquisitivo têm condições de consumir. Nesse sentido, levar a população negra e pobre a esses espaços excluídos e exclusivos, é possibilitar também a criação de perspectivas simbólicas de futuro. Enquanto pessoa negra eu sei da importância de ocupar esses e outros espaços, a exemplo da universidade. Para isso, precisamos compreender que, dentro de todas as complexidades existentes, esses espaços também são nossos. Poder integrar o ensino superior em uma universidade federal permitiu contribuir para pesquisas científicas e para produção de conhecimentos alinhados aos grupos sociais e da região que eu pertencço. Vejo isso, principalmente, porque a luta pela ocupação desses espaços não são recentes e vêm em meio a várias frentes, como podemos ver no documentário, com a luta do Movimento Negro Unificado, a luta de Lélia Gonzales, Zélia Amador de Deus em Belém para construção da intelectualidade negra, no Teatro Experimental do Negro com Abdias do Nascimento, no samba, no carimbó e mais recente, no hip hop. Tudo é composto por narrativas que sustentam a nossa existência. Se o nosso olhar, nossas vivências, nossas ancestralidades, nossas identidades e as nossas experiências, não fizeram parte da produção intelectual do Brasil, das políticas públicas, da construção de cidades mais democráticas, da cultura, as relações hegemônicas e colonizadoras vão continuar ditando um cenário ancorado em seus desejos de higienização. Eu vivo em uma região que teve também seus processos históricos de invisibilização, especialmente da população negra e indígena e isso permanece sendo refletido nos dias atuais. Existe uma política de morte de Estado que tenta nos matar simbolicamente, intelectualmente, territorialmente, culturalmente e fisicamente. Quando o Emicida fala que Tudo que Noiz tem É noiz, significa perfeitamente que só nós, pessoas pretas, pobres e periféricas, sabemos as nossas dores, os nossos anseios e as nossas necessidades. Muito do que já temos, é antecedido de muita luta atravessada de violência, opressão e criminalização de tudo o que é produzido por grupos minoritários de seus direitos no Brasil

3.2 O que enxerga cada olhar

O primeiro ponto que quero abordar é a percepção artística que os entrevistados tiveram do documentário *AmarElo* e qual importância eles atribuíram à obra. O intuito é compreender melhor de que forma o documentário foi recebido pelo público e que se de alguma forma ele pode ser visto como um elemento de percepção de uma nova narrativa no que se refere a materialidade de uma “nova” história negra.

Me parece que é quase um consenso entre os interlocutores a importância do material apresentado pelo rapper. Me parece que a questão mais latente são os “novos”

personagens que foram apresentados, uma série de histórias de vida de personalidades que fizeram muito pelo povo negro e não eram conhecidas, e que tem relação direta com a história do povo negro em solo brasileira e principalmente as articulações de resistência. Me parece também que a grande massa da sociedade não tinha acesso a muitas informações que foram apresentadas no documentário, incluindo pessoas que fazem parte diretamente do movimento Rap e/ou movimento negro. Mateus Rodrigues que conhece bem o mundo do Rap ressalta a junção do Rap com Samba. Esta mistura ficou popular para a nossa geração através das letras e músicas de Marcelo D2.

Mano, se é louco, trouxe umas informações assim, tipo, nunca tinha chegado pra mim, eu sabia de toda a importância da junção do Rap com o Samba e tal, a gente vê as produções sendo feita já faz um tempo, mas, historicamente é outra coisa, uma conexão muito mais profunda. Me fez perceber que o Rap hoje é o novo MPB, não só pra mim, mas uma pá de gente vê isso, sabe? O Rap é a música popular brasileira hoje, não só por ser a música que está mais em alta, mas também pela luta (RODRIGUES, São Paulo, 2020)

Outros artistas são conhecidos por usar e abusar desta mistura de ritmos, Rappin' Hood se debruçou incansavelmente nesta mistura, Caetano Veloso é um nome da MBP que vem pisando cada vez mais neste solo, e percebemos que é uma via de mão dupla. Outros artistas da MPB como Chico Buarque e Elza Soares versaram com o Rap assim como artistas do Rap como Criolo, Emicida, Marcelo D2 e outros rappers adentraram ao mundo do samba.

Percebo que para a reverência que os cantores de rap fazem para o samba é uma reverência que vai além do “simples” fato de sentir de alguma forma conexão com o estilo musical. Fazendo uma analogia, o samba representa a ancestralidade do rap, e sendo assim reverenciar o samba é reverenciar a ancestralidade.

Desse modo, quando o interlocutor Alejandro Falabelo evidencia o fato do Rapper Emicida no documentário “estar sempre exaltando a família, achei muito do caralho que ele levou a família dele.” (FALABELO, PARÁ, 2020) Mostra que o artista está ligado à sua ancestralidade, ligado à sua avó que em 90 anos teve a oportunidade de entrar no Theatro Municipal de São Paulo a primeira vez para assistir um show de seu neto.

O cantor Djogan expressa essa relação de ancestralidade em uma de suas músicas na qual também resgata a sua relação com sua avó e a ascensão que ele está passando.

Irmão, você lembra de onde 'cê vem?
E quando você chegar lá
O que 'cê tem vai voltar pra de onde 'cê vem?
Ou 'cê nem sabe pra onde vai?

E esqueceu que lei das coisa, é clara
 Tudo que sobe uma hora cai
 Esse disco é sobre resgate
 Pra que não haja mais resquício
 Na sua mente que te faça esquecer
 Que você é dono do agora
 Mas o antes é mais importante que isso
 ...
 Então volte para origens
 É o colo de quem cê ama
 Será que entende do que eu tô falando?
 Dessas Coisas que deia acessa a chama
 (DJONGA, 2019)

Do ponto de vista educacional, vemos que nossos interlocutores viram no documentário uma forma didática de recontar a história e perpassar várias questões de apagamentos. Yuri Rodrigues recorre ao pensamento decolonial para expressar o seu pensamento sobre a importância do documentário.

o documentário AmarElo é um grande exemplo de representação do país a partir de uma perspectiva decolonial ou mesmo de quem ver de perto as fissuras deixadas pelas heranças históricas de desigualdades do Estado. É importante poder comparar o documentário com a forma que somos ensinados, no ensino básico, sobre a formação econômica, política e cultural, e ver o quanto é reproduzido nos livros uma perspectiva negacionista de contribuição da população negra e de outras etnias que não seja o processo de escravização. (RODRIGUES, PARÁ, 2020)

O potencial das palavras de Rodrigues, nos conecta com os pensamentos de Kilomba, no qual ela busca desmistificar o mito do conhecimento universal e que a contribuição das populações negras e indígenas no período da colonização se resumem ao serviço braçal (KILOMB, 2019).

E é através da chave da desmistificação do mito do conhecimento universal que outro interlocutor enxerga o que fez Emicida, para Jabes o rapper “nos presenteando com uma aula de história sobre a população negra no Brasil e os artistas pretos que sempre contribuíram para a repercussão da música brasileira, mas, que pouco, ou quase nada, são lembrados com este legado atualmente” (SANTOS, PARÁ, 2020).

Santos enxerga que para além do doloroso processo de escravidão vivenciados pela população negra durante quase 300 anos, o povo negro agora é obrigado a lidar com os resquícios do processo de escravidão, que coloca de forma proposital o negro a margem da sociedade.

Emicida nos faz transitar em um misto de emoções ao longo do documentário. É emocionante e doloroso ao trazer às nossas memórias a trajetória da população negra que, jogada a própria sorte e colocada como marginalizada na sociedade brasileira, se vê agora diante de uma “nova escravidão”. Essa escravidão não mais usa chicotes e amordaças para controlar os negros, o sistema político empurra essa classe sem nenhuma assistência para os espaços subalternos da cidade e lá eles tendem a

sobreviver como podem, como conseguem. Foi assim que se formaram as favelas (SANTOS, PARÁ, 2020)

Saber a forma de reinventar esse espaço também é conhecimento ancestral, compreender que é preciso reconfigurar os espaços de marginalidade que somos colocados é urgente. Bell hooks nos lembra que “não há sistemas fechados, que todo sistema tem uma lacuna e que esse espaço é um lugar de possibilidades (HOOKS, p.64, 2021).

Outra fala importante de bell hooks é que “não podemos nos dar o valor do jeito certo sem antes quebrar as paredes de autonegação que ocultam a profundidade do auto ódio dos negros, a angústia interior, a dor sem reconciliação. (HOOKS, p.62,2019).

Portanto, é através desse pensamento apresentado por e bell hooks que podemos observar os apontamentos de Guilherme e Jabes aos questionarem a quantidade de produções audiovisuais no nível de *AmarElo* que retratam de alguma forma a vivência negra.

São raras essas produções que nos negros temos acesso e que existem com esse nível de investimento, de produção, então eu achei uma coisa bastante nova pra mim. Por exemplo, eu nunca tinha visto isso no Brasil, um documentário dessa forma, um documentário meio musical, me fez lembrar muito por exemplo, de “Blak is King”, sabe? da Beyonce, que obviamente são coisas bastante diferentes, a forma como é conduzida, mas me trouxe essa questão, sabe? De colocar o negro, o papel do negro, o trabalho dos negros nos holofotes. Então eu acho que ter uma produção desse tamanho, muito bem-acabado, muito bem-produzido, muito bem elaborado, pra mim, o Emicida tem muita responsabilidade, um papel muito importante nisso em amarar toda essa história e ele como um rapper ele conseguiu amarrar tudo isso muito bem, passando a mensagem que ele queria passar do começo ao final do documentário. (PARANHOS, SÃO PAULO, 2020)

É curioso pensar que para conectar com uma obra brasileira os interlocutores tenham que resgatar produções norte-americanas feitas por artista multimilionários, na qual a vivência deles, por mais que também experienciem o racismo é totalmente diferente das nossas experiências com o racismo. Ao passo que de modo geral ignoramos as experiências raciais dos povos latino-americanos, dos países que tem mais realidade econômica e política mais próxima da nossa.

Jabes também recorre a artista Beyonce para elaborar e exemplificar o seu pensamento sobre representatividade.

O documentário ainda nos dá uma aula de representatividade! Sabe aquela frase da cantora Beyoncé que diz que não a convidaram para sentar-se à mesa, então ela construiu a sua própria mesa e convidou os seus para se sentarem? Emicida faz exatamente o mesmo, ele escolhe o erudito palco do Teatro Municipal de São Paulo, um lugar de elite, coisa nobre, quem é de SP deve saber do que estou falando, e convida os seus para prestigiar um show que conta a história deles, a história do povo preto. (SANTOS, PARÁ 2020)

Jessica e Jabes compreendem que o documentário faz dois exercícios simultâneos e importantes, ao passo que traz para a discussão todo o processo de resgate histórico que é

extremamente importante para a população negra, Emicida coloca todos os telespectadores dentro do Theatro Municipal, algo que não nos parece tão importante até o momento que percebemos o quanto somos excluídos de lugares como aquele.

A produção audiovisual enaltece a cultura afro-brasileira, enquanto mostra o show do cantor no Theatro Municipal de São Paulo e os bastidores do disco que leva o mesmo nome do filme. Apesar de a narrativa do Emicida contar a história do Brasil a partir da cultura negra desde o sistema escravocrata até a imensa desigualdade racial ainda existente nos dias atuais, o foco do documentário está em dar luz ao protagonismo negro nos principais movimentos artísticos, políticos, sociais e culturais do país, em contraponto ao processo de branqueamento instaurado pela colonização. (MIRANDA, PARÁ, 2020).

O percebimento dos interlocutores acerca do local escolhido pelo artista se evidencia com as palavras de Jabes e de Jessica, a escolha minuciosa do Theatro Municipal de São Paulo representa a abertura de um dos lugares mais cultos do país, que representa diretamente o que tivemos de mais eloquente na arte brasileira com a Semana de 1922 para o que chamo de “arte marginal”, pensando o rap como uma das maiores expressões artísticas produzida pela periferia para exteriorizar as suas vivências.

3.3 A forma como cada um sentiu

O segundo ponto que quero debater é a forma com que cada interlocutor percebeu a ancestralidade e as ligações estabelecidas entre o documentário e o passado do povo preto, como as histórias contadas foram recebidas. Este exercício se faz necessário a partir do momento que estabelecemos que o documentário pode ser usado como uma peça didática e informativa. É importante lembrar que os interlocutores vivem diferentes realidades, e vieram de diferentes lugares, assim não compartilham em sua maioria da mesma realidade e por isso decodificam as informações do documentário de formas diferentes.

Em relação as informações apresentadas no documentário, são muitas as informações que antes eram desconhecidas do público, Alejandro resalta as obras de Tebas, o arquiteto responsável por boa parte da arquitetura eclesiástica do centro de São Paulo.

Ele trouxe dados, trouxe informações ali que eu não sabia, falou do brother lá que fazia as obras e ninguém falava que quem fazia aqui era um cara preto. Achei muito do caralho isso, ele fez uma puta trabalho de pesquisa provavelmente pra juntar tudo daqui de informação e compilar entre um show, uma apresentação e um documentário, ache do caralho isso. (FALABELO, PARÁ, 2020)

A riqueza de informações se conecta diretamente com a vivência negra de pessoas que estão em busca de uma nova perspectiva para suas histórias, uma perspectiva que vá além

da ultrapassada teoria de que os negros são “apenas” descendentes de escravos, retirando qualquer humanidade que os quase 5 milhões de negros raptados em solo Africano ou que nasceram em sanzalas por todo o Brasil entre 1500 e 1888 poderiam ter.

De certa forma devolve a humanidade que sempre buscamos, nos entrega a materialidade de nosso passado. Amaury ressalta o cuidado que o documentário tem ao dialogar diretamente com as suas vivências.

O cuidado na produção do documentário/álbum, é de uma delicadeza e de um carinho com quem vai escutar/assistir que eu sinto que foi feito especialmente pra mim, e foi. Como um jovem negro e músico acho uma viagem genial traçar vários momentos da luta e presença negra no Brasil a partir da trajetória de músicos e outros artistas negros que usavam e usam a sua arte para inspirar pessoas e movimentos (GONÇALVES, PARÁ, 2020)

O cuidado com informação se mostra tão avançado que me causou curiosidade o fato de o documentário ter apresentado uma “nova” linha histórica, uma que não se baseia na separação histórica convencional, que utiliza a Europa como centro dos eventos mundiais, ou a separação histórica a brasileira que utiliza os fatos da invasão portuguesa como marcadores históricos.

Guilherme também percebeu isso e ressalta que o os livros não tratam das informações da vivência negra da mesma forma que o documentário aborda.

Entrando em alguns pontos que eu queria me aprofundar um pouco mais, primeiro sobre a linha histórica que ele colocou no documentário, achei muito legal, muito interessante essa linha histórica, porque é uma linha histórica que eu não conhecia, pra ser bem sincero. Uma não fazia ideia, uma linha histórica que ele em que ele trouxe o protagonismo negro na história do Brasil a gente não vê em livros de história, quando a gente vê por exemplo em questão de arte, da música, ela é muito centrada nos brancos que faziam música na época, então ele trouxe esse protagonismo que é um protagonismo existente só que ele não é visto. (PARANHOS, SÃO PAULO, 2020)

Outro importante ponto que foi percebido pelos interlocutores são os lugares de onde vem as histórias, para Bruna “o documentário é incrível porque vem embasado de vários lugares muito delicados da nossa cultura. E eu acredito que não exista representatividade melhor que a arte para falar sobre isso”. (FERREIRA, 2020).

A arte em geral sempre foi um vetor de expressão ideológica, o Brasil teve na música seu principal instrumento de protesto contra o período da ditadura militar, a MPB e o próprio samba foram essenciais nessa luta. Artistas como Candeia e Paulinho da Viola tiveram letras censuradas. Atualmente a música e o audiovisual continuam sendo um grande vetor da expressão ideológica, mas para Bruna, nesta obra Emicida soube apresenta uma forma diferente a discussão entre raças.

Posso estar equivocada, mas no meu ponto de vista *AmarElo* trouxe esse espaço para discussão, um espaço de acolhimento pra quem necessita, diferente do princípio onde a ideia era mostrar pro mundo as dores e chocar. Então, eu acho que hoje o Emicida vem com um papel muito importante assim de mostrar que é no encontro e no diálogo que a gente vai resolver isso. (FERREIRA, SÃO PAULO, 2020).

E é também na busca desse “encontro e diálogo” que Mateus defende que brancos tenham um percebimento das origens do movimento hip hop, movimento este que agrega a música rap.

Pra nós, MC´s brancos têm que entender onde está pisando, tem que saber o solo que a gente pisa. Tem que respeitar, porque não é um bagulho nosso. É, porque é de todo mundo, só que a gente tem que respeitar a origem, respeitar quem asfaltou esse solo que a gente tá pisando hoje do Hip Hop, tá ligado? Não só do Hip Hop, do Brasil inteiro. É foda ver que até hoje em dia esses questionamentos são pautas e são pautas necessaríssimas. (RODRIGUES, SÃO PAULO, 2020).

É necessário observar com muita atenção o que foi observado por Mateus, estamos mergulhados em uma relação que busca rechaçar as produções artísticas pretas, buscando refunda-las com o branco como refundador, passamos por isso com o rock, o jazz e o blues. É nessa perspectiva que o cantor Baco Exu do Blues escreveu

Eu sou o primeiro ritmo a formar pretos ricos
O primeiro ritmo que tornou pretos livres
Anel no dedo em cada um dos cinco
Vento na minha cara, eu me sinto vivo
A partir de agora, considero tudo blues
O samba é blues, o rock é blues, o jazz é blues
O funk é blues, o soul é blues
Eu sou Exu do Blues
Tudo que quando era preto, era do demônio
E depois virou branco e foi aceito
Eu vou chamar de Blues
É isso, entenda, Jesus é blues
Falei mesmo
(BACO EXU DO BLUES – 2018)

Enxergo nesta relação uma forma de higienização da produção negra, como forma de tornar estas artes mais “próximas” do que é ser branco. Yuri percebeu algo parecido no documentário, indo além, ele lança luz a produção artística e a produção intelectual negra e ressalta como a falta de vivências negras faz com que a manutenção do poder se dê do modo com que está estabelecido.

como podemos ver no documentário, com a luta do Movimento Negro Unificado, a luta de Lélia Gonzales, Zélia Amador de Deus em Belém para construção da intelectualidade negra, no Teatro Experimental do Negro com Abdias do Nascimento, no samba, no carimbó e mais recente, no hip hop. Tudo é composto por narrativas que sustentam a nossa existência. Se o nosso olhar, nossas vivências, nossas ancestralidades, nossas identidades e as nossas experiências, não fizerem parte da produção intelectual do Brasil, das políticas públicas, da construção de cidades mais democráticas, da cultura, as relações hegemônicas e colonizadoras vão continuar

ditando um cenário ancorado em seus desejos de higienização. (RODRIGUES, PARÁ, 2020).

Uma das consequências da não observação para esse cenário de higienização e sufocamento da voz negra é o racismo estrutural, no qual naturaliza o lugar e as cores das pessoas. o racismo estrutural faz a gente associar diretamente uma juíza como uma mulher branca e uma faxineira como uma mulher preta. Jabes recorre a música *Ismalia* de Emicida para exemplificar o racismo estrutural apresentado no documentário, farei o mesmo recorrendo a outro fragmento “80 tiros te lembram que existe pele alva e pele alvo”. (EMICIDA, 2019).

A relação apontada pelo compositor Emicida nos revela que existe um lugar natural das coisas, como elas devem ser. Pode também ser chamado de status quo. É o racismo que se entranhou estruturalmente em nossa sociedade e continua afundando o povo preto e, o pior de tudo, continua normalizando as vidas pretas que se perdem. Emicida passou a visão que o sistema não quer que a gente veja: “quem disparou usava farda, quem te acusou nem lá num tava, é a desunião dos preto junto à visão sagaz de quem tem tudo, menos cor, onde a cor importa demais.” Já dizia Criolo “a mão que segura o chicote não é invisível, quando eles disserem “calem a boca desses meninos”, eles vão calar!”. (SANTOS, PARÁ, 2020).

A luta que se estabelece se encontra em duas frentes, a primeira é a de dar rosto para essa “mão que segura o chicote”, a segunda é contra essa força que quer calar a nossa voz, provocar o nosso sufocamento. É a constatare força que tenta nos tirar do jogo, nos colocar no que Kilomba chama de margem, ao mesmo tempo que todo esse esforço serve também para manter a manutenção do privilégio da branquitude e manter eles no centro (KILOMBA, 2019

É constatare a busca pelo apagamento da nossa história e desejo de manutenção da posição social negra no Brasil, a força que nos empurra pra baixo é grande e constante e por isso que conhecer a nossa história se faz tão necessário. Jessica chama de “revolução histórica” o que o documentário foi capaz de produzir ao contradizer o que a historiografia clássica estabeleceu.

Por isso que é tudo pra ontem. Fica cada vez mais latente que essas redes precisam existir e conectar cada vez mais pessoas com outras tantas. Além de, imprescindivelmente, interligar histórias. É com muita maestria que o filmedocumentário apresenta muitos desses encontros: ora de afetividades, ora de gerações artísticas, culturais e políticas. E organiza uma revolução histórica de sobrevivência e de vivência ao contestar e destruir as diversas formas de apagamento do ser. Esse sujeito que foi desumanizado, subalternizado, ignorado, excluído e morto – subjetivamente e literalmente – durante a história racista do Brasil, assume sua narrativa de vida, ele está vivo. (MIRANDA, PARÁ, 2020).

Sendo assim, o apagamento histórico se faz necessário na medida que se tenta manter os privilégios de uma branquitude. Lutamos contra o “sistema” e reivindicamos as nossas conquistas e os direitos por nossas produções e por nossas criações é o mínimo. Jabes diz

que “quem criou nem sempre é lembrado. Emicida nos traz a triste realidade de um povo que mais uma vez é empurrado para longe do lugar que é seu por direito” (SANTOS, PARÁ, 2020). No final das contas está é a busca, busca por direitos e reconhecimento.

3.4 Como se relaciona com o cotidiano

O último ponto abordado pelos interlocutores é a relação estabelecida entre o documentário e o cotidiano, suas vivências e experiências, como o documentário diálogo com as suas realidades. Tento compreender com isso a forma com que se dá as experiências pessoais em relação com o documentário.

O nosso interlocutor músico Amaury finaliza o seu relato dizendo que “todo esse documentário me dá muita esperança, muita força, ele me energiza a levantar e continuar lutando”. O protagonismo negro da produção atrelado a figura do Emicida me parece que causa estes sentimentos. Outra interlocutora também compartilha de sentimentos muito parecidos.

Na visão da Bruna, paciência foi o grande ponto abordado pelo artista, pensando e elaborando uma forma diferente para estabelecer a relação negra com a sociedade, inclusive dentro do mundo do rap.

Emicida no documentário fala muito sobre paciência, e foi o que eu disse anteriormente, quando a gente tá com a corda no pescoço a última coisa que a gente tem é paciência. O Racionais, por exemplo, que eu sou fã, eles vêm colocando o dedo na cara e empoderando quem tem que ser empoderado mesmo, colocando as pessoas no seu devido lugar, de uma forma muitas vezes até violenta, mas pra dar um espaço. E eu acredito que naquela época era a única forma que eles viam como se apresentar pro mundo, mostrar quem eles eram. E acredito que com AmarElo não foi dessa forma, com Amarelo o Emicida veio querendo trazer uma potência, mas uma potência pacífica. (FERREIRA, SÃO PAULO, 2020).

Lembrando que Racionais Mc's são conhecidos como os grandes pais do rap nacional, donos de letras fortes e violentas que conta o cotidiano de pessoas negras nas periferias nos anos 1980 e 2000.

A “potência pacífica” ressaltada por Bruna é questionada por outro interlocutor, aos olhos de Jabes, “o cantor Emicida nos mostra através de suas rimas e poesias o Brasil que soube exatamente o que fazer com os negros após a escravidão. Esse papo de preto morrendo na mão de branco não é de agora!” (SANTOS, PARÁ, 2020).

Indo além, Jabes aborda o recente caso da morte do homem negro George Floyd no Estados Unidos e a repercussão do julgamento do seu assassino.

Assisti ao documentário dias depois de ver alguns trechos do julgamento do policial americano que matou George Floyd em uma “abordagem policial”. Me doeu na alma! Senti um vazio enorme e um sentimento de impotência que me devastou por instantes.

Paralisado! Assustado! Irritado! Com medo! Medo em pensar que poderia ser eu, meu pai ou meu irmão ali sufocado. Medo de pensar que o rapaz ali com um joelho sob a sua garganta sufocando-o poderia ser qualquer pessoa, mas nunca um homem branco. A realidade dos pretos é a mesma em qualquer lugar do mundo, seja aqui no Brasil ou lá nos EUA e Emicida tem razão quando diz que a única coisa que ainda corre livre aqui são nossas lágrimas. (SANTOS, PARÁ, 2020).

Novamente Jabes recorre a uma música do Emicida para exemplificar o seu ponto de vista, seguindo a mesma linha e recorrendo a mesma música, busco outro fragmento para nacionalizarmos a discussão “Deus, por que a vida é tão amarga?/Na terra que é casa da cana-de-açúcar” (EMICIDA, 2019). Porque cabe a nós fazer o resgate da memória da nossa ancestralidade, sendo que outros grupos racializados não tem o mesmo problema?

É nessa perspectiva que Yuri convoca a sua regionalidade como nortista para embasar esse processo de invisibilização persistente no país. Processo esse que tem no *epistemicídio* – a política violenta invisibilização do conhecimento não ocidental – um dos seus mais importantes alicerces para estrangulamento do povo preto.

Eu vivo em uma região que teve também seus processos históricos de invisibilização, especialmente da população negra e indígena e isso permanece sendo refletido nos dias atuais. Existe uma política de morte de Estado que tenta nos matar simbolicamente, intelectualmente, territorialmente, culturalmente e fisicamente. Quando o Emicida fala que Tudo que Noiz tem É noiz, significa perfeitamente que só nós, pessoas pretas, pobres e periféricas, sabemos as nossas dores, os nossos anseios e as nossas necessidades. Muito do que já temos, é antecedido de muita luta atravessada de violência, opressão e criminalização de tudo o que é produzido por grupos minoritários de seus direitos no Brasil. (RODRIGUES, PARÁ, 2020).

Desse modo, só o resgate das nossas vivências será capaz de produzir o mínimo de conforto para a nossa jornada, causando um pouco de reparação. Alejandro entendeu como resgate o que foi apresentado por Emicida, para ele,

A interpretação que eu tive sobre o documentário que eu tive é que é um trampo de resgate, de valorização cultural realente, de devolver pro povo preto o que é seu, o que a gente não sabe que é nosso. Achei muito do caralho, pra mim o objetivo dele foi esse, de realmente resgatar algo que realmente a gente perde por não ser contato, então a gente tem tudo isso registrado em um documentário agora. (FALABELLO, PARÁ, 2020).

Parece que a produção também cumpre um papel de resgate para pessoas que não são negras. Mateus percebeu um resgate de uma outra forma de viver, uma forma que também é ancestral. Que questiona o acúmulo de riqueza e o regime capitalista.

É isso, esse documentário – Eu como produtor, Mc, videomaker, pertencente da cultura – me fez rever muitas coisas que eu busco também, ver o Emicida ali, em uma casinha no meio do mato plantando com a família dele, com os filhos dele, eu acho que isso é o que todo mundo quer. Uma casa no meio do mato, “nadar no riacho, sem fome, pegando as frutas do cacho”. (RODRIGUES, SÃO PAULO, 2020).

Acho que é um desejo de todo ser humano, voltar a ter uma vida real, ter uma vida humana mesmo, não essa vida que a gente leva. Eu sinto que a sociedade inteira está levando pra um caminho totalmente errado, só pensando em bens materiais, devastando a natureza cada vez mais. Eu sinto que esse não é o caminho, tanto que eu acho que estamos vivendo tudo que estamos vivendo agora por conta disso. Acho também que tem muita gente, principalmente artistas e gente influentes que tá percebendo que o caminho é voltar pra gente, ser o que a gente realmente é, da atenção pra natureza, da atenção pra família, construir coisas novas, não tão novas, já viemos disso e nós perdemos. Mas é reconstruir, uma sociedade digna, com igualdade, com espaço pra todo mundo, com amor pra todo mundo, paz pra todo mundo, tá ligado? Acho que esse é o caminho mesmo.

A arte e a cultura em geral proporcionam isso, esse olhar mais sensível pro mundo, pra sociedade, pras pessoas. (RODRIGUES, SÃO PAULO, 2020)

Por tanto, são indicados caminhos e formas de romper com a norma estabelecida, são pensados e apresentados exemplos de coexistência nesse mundo sem precisamos performar o homem branco, sem precisar ter as nossas vivências atreladas a vivência quem montou o sistema de modo a nos deixar fora dele

3.5 Palavras do autor.

Me sinto no dever de pautar algumas informações

Como já dito anteriormente, este trabalho vem sendo desenvolvido no meio do período da Pandemia de Covid-19. Foram mais de dois anos para que conseguíssemos encontrar o mínimo de normalidade que frequentemente vem sendo abaladas por conta de aumento dos casos de contaminação.

O período que as pesquisas foram feitas foi o período mais restritivo da pandemia, foi o mento de isolamento total, no qual o simples ato de sair de casa para tomar sol se mostrava como uma grande possibilidade de contaminação. Hoje, 24/06/ 2022 temos dados que mostram 32 milhões de pessoas contaminadas e 670 mil óbitos. Estamos falando de números jamais imaginados, nem mesmo para os mais pessimistas durante o período restritivo.

Foi nesse cenário que tive que ir a campo em busca das entrevistas e informações, e nessa “ida a campo”, me deparei com as mais diferentes situações possíveis. Com a pandemia tive que voltar para casa da minha mãe em São Paulo. Aqui tenho acesso à internet e a uma boa qualidade de vida, mas percebo que sou uma exceção.

Com a suspensão das aulas na Universidade Federal do Oeste do Pará, Amaury teve que voltar apara casa dos seus pais na cidade de Almeirim no Baixo Amazonas, que fica a uma distância de 6h de Santarém. O acesso à internet e ao espaço de estudo se tornaram quase que inexistente.

Yuri Rodrigues estava em São Paulo quando foi decretada a pandemia nacional, se manteve o quanto pode na capital paulista, o medo de precisar fazer uma viagem tão longa que cruza o Brasil, saindo de São Paulo para chegar em Santarém postergou a sua partida o quanto pode. Em junho de 2020 ele cruza o país e chega em Santarém, lá foi obrigado a reestruturar a sua vida no meio da pandemia, um desafio.

Para Bruna Ferreira a situação se desdobrou de uma forma um pouco mais tranquila, como tem sua própria empresa e muitas vezes trabalha em casa, o sofrimento em relação ao home office não foi tão grande. O abalo maior foi com a perda de clientes e a impossibilidade de sair de casa, tomar uma cerveja, coisas que antes faziam parte da rotina.

Nos primeiros meses de 2020 os casos de covid na china começam a alarmar o mundo, surgem alguns casos na Europa, a insegurança sanitária passa a fazer parte do noticiário diário. Guilherme Paranhos se viu em uma encruzilhada semanas antes de ser decretado pandemia, em algumas semanas ele viajaria para Grécia a trabalho, tinha planos de passar em mais um ou dois países europeus antes de voltar. A incerteza se a viagem aconteceria atrelado a vontade de conhecer um lugar novo foram os motivos da falta de sono dele. Se ele não decidiu, decidiram por ele, os aeroportos no mundo estavam fechados. Demorou mais de um ano e meio para que ele pudesse ir a Europa resolver os assuntos do trabalho.

Como trabalha em uma grande empresa, ele se viu no meio de uma certa “mordomia”, num contexto no qual os trabalhadores estavam sendo dispensados, buscado Auxílio Emergencial e pensando alguma forma para não passar fome, sua empresa mandou todos para casa, com contratos intactos, benefícios e forneceu todos os aparatos para que continuassem trabalhando. É obvio que isso também se caracteriza como uma prática violenta, colocamos em perspectiva o que estava acontecendo no mundo.

Em Belém do Pará, Alejandro Falabelo se deparou com a pandemia pouco tempo depois de voltar a morar na sua cidade natal. Por ser advogado seu trabalho continuou, não como antes, não tão intenso quanto antes, porém os meios eletrônicos possibilitaram a ele que continuasse exercendo a advocacia. Ele me contou que o período de reclusão foi fundamental para ele se conectar a um hábito que sempre desejou, porém não tinha tanta oportunidade, a apreciação de vinhos.

Jessica Miranda passou por algumas reviravoltas durante o período da pandemia. Enquanto escrevo esse trabalho ela passou de graduanda para forma e agora de formada para mestrando. Também mudou de cidade, saiu de Santarém, sua cidade natal e veio para São Paulo

cursar História da Arte. Acostumada aos palcos de Santarém, a pandemia trouxe muita incerteza e receios para vida dela.

Mateus Rodrigues experienciou oscilações muito diferentes durante esse período de pandemia. Da incerteza do trabalho, da busca por oportunidades na música ao tão esperado e desejado emprego na área do audiovisual.

Jabes foi acadêmico de Antropologia, se preparou de trocou de curso, foi cursar Direito na Universidade Federal do Oeste do Pará. A troca que para ele e para família foi sinônimo de imensa alegria começou a levantar questionamentos durante o período de restrições de aula, foram quase um ano sem aula, sem a possibilidade de aulas virtuais. Muitos foram os fatores para esse cenário, a incerteza com o vírus, a falta de planejamento institucional, a falta de acesso digno da internet por parte dos discentes, a não existência de lugar minimamente equipado para estudar.

Para mim, não foi diferente, em 2020 viajo para Santarém com a expectativa de vivenciar os meus últimos momentos na universidade. Terminar algumas disciplinas, apresentar o meu trabalho de conclusão de curso e respirar novos ares. Não foi isso que aconteceu. Em junho de 2022 estou finalizando este trabalho (TCC) e confesso que um pouco perdido, sem saber qual será o próximo passo. Porém estou consciente que fizemos o que foi possível, o que era possível fazer durante situação de imensa anormalidade sanitária.

Todos os interlocutores deste trabalho viram as suas dinâmicas sociais precisarem ser reinventadas, seus sentimentos de incerteza se desdobrarem em sintomas psicológicos como a ansiedade. Tivemos que nos deparar com a perda de uma infinidade de pessoas, entre elas familiares, amigos e colegas. Foi neste contexto que eu e muitas outras pessoas tivemos que continuar escrevendo, trabalhando e sendo úteis para a sociedade.

4 ENTRE O CORTE DA ESPADA E O PERFUME DA ROSA

Podemos sorrir
nada mais nos impede
Não dá pra fugir
dessa coisa de pele

Sentida por nós
desatando os nós
Sabemos agora
nem tudo que é bom vem de fora
(Jorge Aragão – Coisa de Pele)

Neste capítulo quero propor uma reflexão acerca dos dois pontos centrais desta monografia. Esses dois pontos são: produção intelectual e a produção artística do rapper Emicida exibida no documentário *AmarElo*. Entendo que ambos os conceitos não podem ser pensados desassociados, já que um influencia diretamente o outro. Para análise das temáticas dividirei em 4 pontos. No primeiro trago o conceito de *epístemicídio*, sua representação na obra *AmarElo*. O segundo *fratura epistêmica*, como possibilidade da construção de uma nova narrativa. O terceiro ponto, *epistemologia preta*, na qual buco compreender os desdobramentos do surgimento de uma nova rota de pensamento. E por fim, dentro dessa nova rota, trago o conceito que considero o centro da análise, o conceito de *escrevivência*, de Conceição Evaristo.

4.1 Epístemicídio

Para entender o que é *epístemicídio* é necessário dar um passo atrás e compreender o que significa epistemologia.

De acordo com a autora Grada Kilomba, a palavra epistemologia

derivada das palavras gregas *episteme*, que significa conhecimento, e *logos*, que significa ciência, é a ciência da aquisição de conhecimento e determina que questões merecem ser colocadas (temas), como conduzir pesquisas para produzir conhecimento (métodos), e nesse sentido define não apenas o que é conhecimento verdadeiro, mas também em quem acreditar e em quem confiar. Memórias da plantação (KILOMBA, p.54, 2019).

Sendo assim, Kilomba nos dá um bom caminho para entender que, a epistemologia é o conhecimento na sua forma científica, e que este conhecimento esteve a serviço do conhecimento ocidental, branco, europeu e masculino. O conhecimento que é tido como válido e respeitoso tem um lugar de origem.

Segundo o prof. Grosfoguel a estrutura epistêmica contemporânea é baseada em cinco países ocidentais (França, Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos e Itália),(GROSFOGUEL, 2016), no qual os sujeitos desses países são os responsáveis por validar o conhecimento, na medida que também se apresentam ao mundo como sujeitos universais. Sujeitos que de acordo com o seu “distanciamento científico” se consideram habilitados a falar de todos os temas com propriedade e isenção.

Kilomba escreve que “as estruturas de validação do conhecimento, que define o que é erudição “de verdade” e “válida”, são controladas por acadêmicas /os brancas/os. Ambos, homens e mulheres, que declaram suas perspectivas como condições universais. (KILOMBA, 53, 2019). Sendo assim, não me parece que seja interessante para grande massa desses “intelectuais” a convivência com outros sujeitos. Por outro lado, a disputa de espaço não foi uma escolha, ela está dada.

Com o surgimento de políticas e leis de acesso ao ensino superior, pessoas que antes não tinham acesso ao ensino superior e conseqüentemente acesso a ciência passam a entrar nesses espaços e a fazer uma disputa de pautas e pensamentos com aqueles que se sentiam “os donos do espaço”.

É importante ressaltar que a entrada desses corpos no ensino superior não é sinônimo de mudança, pelo menos não mudança total nas estruturas. A partir desse momento se começa a criar reivindicações para que novos pontos de vistas sejam incorporados, estudar novas temáticas se faz necessário. E com a chegada dessa primeira geração de “insolentes” aos postos de professores do ensino superior, na disputa de espaços e pensamentos que temos a proliferação em larga escala de “estudantes insolentes”. Segundo a Profª Ângela Figueiredo

Do ponto de vista da experiência acadêmica, há um movimento político decolonial que pressiona professoras e professores a incorporarem na bibliografia dos cursos ministrados autoras e autores negros e africanos. Eles reconhecem a geopolítica do conhecimento que historicamente privilegiou e reproduziu o conhecimento hegemônico e eurocêntrico, rejeitando a continuidade de práticas epistemicidas.(FIGUEIREDO, p.05, 2020).

Na medida que esses sujeitos “insolentes” passam a fazer parte das aulas desses cientistas ‘isentos”, dos espaços formais de discussões científicas como simpósios e congressos, a manutenção esse *status quo* passa a ser questionada, ao passo que se tenta de inúmeros formas manter a área de sujeitos e objetos, aqueles que pesquisam e aqueles que são pesquisados. A forma mais comum de tentar manter essa hierarquização e com o discurso de pensamento

universal e pensamento específico. É o que Kilomba, (2019) vai chamar de “margem” e “centro”, sendo eles os “donos” do centro, que nos empurram para as margens.

Porém, como vamos ver mais adiante, o conhecimento do povo preto é ancestral, presente no modo de se relacionar com o mundo, deparando-se muitas vezes com o adverso e resistindo, “em outras palavras, a opressão forma as condições de resistência (KILOMBA, p.69, 2019)

O uso de nossas experiência para fazer ciência e da mudança de posição de “objetos” de pesquisa para sujeitos pesquisadores, seja de pesquisas que mantem o tão conhecimento “distanciamento científico” ou pesquisas em nosso próprio contexto social, provamos dentro das ciências sociais e, especificamente dentro da antropologia que somos mais do que capazes de decodificar a nossa própria realidade.

Ora, se sou um sujeito específico por ser negro, gay e brasileiro, porque o pesquisador europeu inglês, hetero e branco também não pode ser considerado específico? Por que ele fala de um espaço de universalidade e eu falo de um espaço de especificada?

O processo de invalidação dos nossos conhecimentos e nossas subjetividades é um processo violento e recorrente. O esforço que temos que fazer para que nossas vozes sejam escutas de absurdo, sobre isso Kilomba nos mostra que,

falar torna-se, assim, virtualmente impossível, pois, quando falamos, nosso discurso é frequentemente interpretado como uma versão dúbia da realidade, não imperativa o suficiente para ser dita nem tampouco ouvida. Tal impossibilidade ilustra como o falar e o silenciar emergem como um projeto análogo. O ato de falar é como uma negociação entre quem fala e quem escuta, isto é, entre falantes e suas/seus interlocutoras/res (Castro Varela e Dhawan, 2003). Ouvir é, nesse sentido, o ato de autorização em direção à/ao falante. Alguém pode falar (somente) quando sua voz é ouvida. Nessa dialética, aquelas/es que são ouvidas/os são também aquelas/es que “pertencem”. E aquelas/es que não são ouvidas/os se tornam aquelas/es que “não pertencem”. A máscara recria esse projeto de silenciamento e controla a possibilidade de que colonizadas/os possam um dia ser ouvidas/os e, conseqüentemente possam pertencer. (KILOMBA, p.43, 2019)

Várias foram as formas de sufocar o conhecimento produzido pelo povo negro, essa prática é violenta e, se existe violência, existe um nome. A esta prática Sueli Carneiro (2005) nomeou como *epistemicídio*. Segundo a autora, *epistemicídio* nasce de

Um conceito extraído da reflexão de Boaventura Sousa Santos (1995), que integramos ao dispositivo de racialidade/biopoder como um dos seus operadores por conter em si tanto as características disciplinares do dispositivo de racialidade quanto as de anulação/morte do biopoder. É através desse operador que este dispositivo realiza as estratégias de inferiorização intelectual do negro ou sua anulação enquanto sujeito de conhecimento, ou seja, formas de sequestro, rebaixamento ou assassinato da razão. Ao mesmo tempo,

e por outro lado, o faz enquanto consolida a supremacia intelectual da racialidade branca. (CARNEIRO, 2005, p. 10, apud FIGUEIREDO, 2020, p.6)

Dessa forma, vemos que o processo de inferiorização intelectual tem uma função dentro do processo colonialista, essa função serve, como já dito, a manutenção dos privilégios, dentro desse processo racista. Se existe o processo de manutenção dos privilégios de alguns, existe o processo de resistência de muitos. E “nesse sentido, eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminou” (KILOMBA, p.28, 2019)

E Sendo assim, Kilomba nos adverte que

uma sociedade que vive na negação, ou até mesmo na glorificação da história colonial, não permite que novas linguagens sejam criadas. Nem permite que seja a responsabilização, e não a moral, a criar novas configurações de poder e conhecimento. Só quando se reconfigura as estruturas de poder é que as muitas identidades marginalizadas podem também, finalmente, reconfigurar a noção de conhecimento” (KILOMBA, p.13, 2019)

4.2 *Fratura Epistêmica*

E é dessa forma que a *fratura epistêmica* (Almeida, Martins e Munzanzu, 2019) surge como resultado da produção de novos olhares e saberes que estão desatrelados do que as professoras Almeida, Martins e Munzanzu (2019), vão chamar de epistemologias hegemônicas branco, masculino, misógeno, heteropatriarcal e transfóbico. A desassociação desses intelectuais “insolentes” este tipo de formulação de conhecimento e, a busca por fazer ciência atrelado a conhecimentos africanos, indígenas e orientais nas suas várias divisões faz com que a lógica dos cinco países exposta por Grosfoguel e do pensamento universal seja colocada em um lugar de questionamento.

Com a *fratura epistêmica* novas possibilidades de conhecimento se tornaram possíveis, outras narrativas ganham espaço e novas possibilidades de histórias e conhecimento surgem como alternativa. É nesse contexto que o documentário *AmarElo - é tudo para ontem* surge como uma possibilidade de revisitar a história do passado negro brasileira pós-abolição e chega nas possibilidades de futuro que imaginamos para o nosso país. “No momento que a gente subir naquele palco, é muito importante que a gente pense que daqui 50 anos, está vai ser a noite que transformou a vida de muita gente”. (AMARELO, 2020, 1:24:54).

Um exemplo caro de *epistemicídio* e *fratura epistêmica* no documentário *AmarElo* é o momento que Emicida fala da sua viagem a África.

A primeira vez que eu fui à África meu amigo Chapa me levou num museu que tem em Angola que eles chamam de Museu da Escravidão. E naquele lugar tinha uma pia e estava escrito um texto na parede que era mais ou menos assim: ‘foi nessa pia que os negros foram batizados, e através de uma ideia distorcida do cristianismo, eles

foram levados a acreditar que eles não tinham alma’. Olhei o meu parceiro e naquele dia entendi qual era a minha missão. A minha missão, a cada vez que eu pego uma caneta e um microfone, é devolver a alma de cada um dos meus irmãos e das irmãs que sentiu que um dia não teve uma.” (AMARELO, 2020, 15:13)

É sobre isso, sobre a devolução da dignidade e do pertencimento humano, sobre se ver e se compreender como uma pessoa digna. É uma forma de raqueamento do sistema brancocentrico.

Outro exemplo de *fratura epistêmica* é um exemplo ancestral no qual o rapper diz que

quando os africanos começaram a ser sequestrados e abandonados numa terra que desconheciam, eles precisaram criar outro modelo de organização e coletividade. Lá no século XVII, as irmandades religiosas já eram isso. os pretos se organizam, conseguem um pouco mais de dinheiro, compra a alforria do outro. E assim esses caras foram, de uma forma homeopática, construindo uma comunidade de cuidado coletivo (AMARCELO, 33:07)

Aqui é outra demonstração de como a nossa vivência vem de um lugar mais longe do que podemos imaginar. De como a ancestralidade reverbera nas nossas vidas. As várias formas de resistência e de existência que a ancestralidade nos apresentou podem e devem ser utilizadas hoje como expertise na busca do raqueamento do sistema brancocentrico.

4.3 Epistemologia preta

Na busca pela compreensão da produção intelectual produzida por Emicida, enxergo que sua arte pode ser associada ao que intelectuais negras e negros vêm chamando de *epistemologia preta*, sendo uma epistemologia produzida por pessoas pretas, em busca de conceitos e metodologias que reflitam as suas experiências, e não a da intelectualidade branca que se julga neutra e imparcial. Audre Lorde escreveu que “as ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa-grande” (2019). Isso quer dizer que não adianta nós, intelectuais negros e negras utilizarmos as teorias brancas/eurocêtricas/patriarcal para compreender as dinâmicas das nossas experiências. Sendo assim, busquei nas intelectuais negras as ferramentas para compreender a dimensão da obra *AmarElo – é Tudo Pra Ontem*.

As autoras negras são contundentes em nos mostrar que esse lugar de subalterno, sem voz faz parte do projeto colonial. Porém o bom uso desse lugar se torna estratégico para as populações negras. Figueiredo vai dizer que “essa posição subalternizada se configura como espaço importante para observar a realidade”. (FIGUEIREDO, p.15, 2020)

Já Kilomba, nos alerta para o bom uso da temporalidade, sendo ela muito bem manipulada por aqueles que querem a manutenção dos seus privilégios. Ela diz que é necessário “lembrar do passado a fim de entender o presente” e criar “um diálogo constante entre ambos, já que o racismo cotidiano incorpora uma cronologia que é atemporal” (KILOMBA, p.29, 2019).

Seguindo na mesma linha, a Prof^a. Munzanzu ressalta que “Não é possível entender e “combater” os efeitos perversos da necropolítica secular brasileira sem o repertório “epistemológico preto”, que gerações insubmissas de intelectuais negras e negros têm colocado no mundo’. (MUNZANZU, 20, 2021). Aqui é necessário ressaltar que “necropolítica” diz respeito a política de deliberada de escolha pela morte de alguns corpos, porém, várias são as formas de matar esses corpos, entre elas, o *epistemicídio* e o *etnocídio*.

Essas intelectuais nos dão as ferramentas necessárias para compreender a forma com que *AmarElo* pode ser visto como parte da *epistemologia preta*.

Entendo *AmarElo* como “produto” de uma *epistemologia preta* por ver ali múltiplos elementos de reelaboração da narrativa da história negra, reconfiguração da posição do negro na sociedade brasileira, exposição de um novo paradigma que busca em elementos positivos a elevação da cultura afro-brasileira. Vejo também no documentário um ótimo instrumento para a discussão de políticas étnico-raciais e da lei 10.639/03.

Emicida pretende fazer de modo totalmente racional uma *fratura epistêmica* em todos os lugares de ampla projeção que ele está inserido.

Ao contar a história de personalidades negras “ocultas” e ou mesmo recontar a história de personalidades negras pouco exaltadas, Emicida entrega ao público uma nova visão, é como se ele reposicionasse as pessoas e desse a elas um novo ângulo de visão, no caso um novo ângulo da história. É também uma nova oportunidade de aprender. É inovador porque são poucos os produtos do audiovisual que oferecem ao espectador uma história diferente daquela que simplifica a história negra como uma história de violência e traz no período colonial seu ponto de partida.

Ao articular essas histórias com sua música ele demonstra o quanto a arte pode e deve ser condutora do conhecimento. Isso não é uma tarefa fácil. No documentário ele diz que

Durante muito tempo a gente brigou para se impor como uma manifestação de arte relevante. Isso foi construído nos últimos anos. Nos últimos dez anos foi a construção disso. A gente passa essa década, até um pouco mais de uma década, sem a necessidade de provar nada para ninguém. Mas obviamente nossa arte continua numa

constante evolução, nesse lugar que a gente chega agora, acho que desenvolvemos uma linguagem, o que é a música Rap feita no Brasil. (AMARELO, 2020, 51:40).

Mas também é importante compreender que nem sempre foi assim, o texto de uma conhecida jornalista tratando sobre a cultura rap dialoga diretamente com as palavras do rapper, ao mesmo tempo que dialoga frontalmente com a desvalorização da cultura e conhecimento afro-diaspórico.

Desde quando hip-hop, rap e funk são cultura? Se essas formas de expressão merecem ser divulgadas com o uso de dinheiro público, por que não incluir na lista o axé, a música sertaneja ou, quem sabe, até cursos para ensinar a dança da garrafa? O axé, ao menos, é criação nossa. Ao contrário do hip-hop, rap e funk, que nasceram nos guetos norte-americanos. (GANCIA, 2007)

Com isso, é explícito o enorme preconceito que assim como samba, o rap passou e passa por para ser visto como uma expressão artística tão genuína quanto qualquer outro gênero musical. É esse preconceito não pode ser pensado desassociado do racismo.

Outra forma de *epistemologia preta* presente no documentário é a ambiciosa pretensão do artista de criar uma fusão homogenia dos gêneros samba e rap. Quando Emicida externaliza que é esse o próximo passo, ele está versando dois momentos diferentes da cultura negra, que tem em suas genealogias aspectos sociais muito parecidos, como repressão, desvalorização e representação. “o amadurecimento desse movimento todo pede que a gente supere a fusão e se aventure na elaboração de um novo ritmo, uma nova linguagem artística, que com *AmarElo* eu tenho chamado de *Neo-Samba* (AMARELO, 2020, 59:36).

Outro momento que quero lembrar aqui como forma de *epistemologia preta* é o arquiteto Tebas, com essa personagem o documentário consegue exemplificar várias formas de violência, ao passo que também demonstra várias formas de resistência, e mostra que seja “projetando ou construindo, quem sempre lutou para que a beleza e a arte dessem vida ao concreto frio deste lugar foi ‘nóiz’” (AMARELO, 1:09, 2020)

Por fim, quero relembrar uma das últimas passagens do documentário, na qual Emicida sai do palco, abraça o seu irmão, Evandro Fioti e diz

A Laboratório Fantasma é um sonho coletivo. Um sonho que começou antes da gente se materializar nesse plano. Seu Wilson das Neves uma vez falou pra nós ‘um cigarro você quebra, agora um maço já é mais difícil’. Essa foi a forma que ele encontrou para dizer ‘fiquem juntos, assim vocês são mais fortes’. Uma parada dessa fortalece tudo que a gente representa. E fortalecido, estamos prontos para lutar contra os monstros gigantes. (AMARELO, 10:20, 2020)

O que Seu Wilson das Neves estava ensinando aos artistas, era conhecimento ancestral, *epistemologia preta*, conhecimento que está presente em nossos corpos e mentes.

4.4 Escrevivência

Para pensar está articulação invoco Conceição Evaristo para compreender como a vida e trajetória do sujeito pode ser mais que inspiração, se tornando elemento central da sua produção. Conceição Evaristo cunhou o conceito de *escrevivência* que ela define como “uma escrita que nasce de uma experiencia, que nasce de uma vivência” (EVARISTO, 3:33, 2019). Uma escrita que nasce de dentro (EVARISTO, 0:15, 2019).

Conceição diz que “a nossa *escrevivência* não é para adormecer os da casa grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”. (EVARISTO, 0:45, 2019). O rap segue assim sendo uma forma de *escrevivência*, na medida que ele reflete uma história ancestral e cotidiana, dialogando com as vivencias de grande parte da população negra do Brasil.

A função da *escrevivência* é preencher um vazio, dessa forma “o que a história não oferece a literatura, ela pode oferecer, esse vazio histórico, ele é preenchido pela ficção” (EVARISTO, 3:25, 2018). Até porque a história negra em solo brasileiro é repleta de lacunas que a historiografia pouco conseguiu preencher.

Esta “escrita marcada pela experiencia e vivência para criar a ficção” faz parte da criação do rap brasileiro e, é o que diferencia a música rap das outras produções artísticas. Os atravessamentos que atingem a população negra que foram temas das letras dos Racionais Mc’s está dialogando diretamente com negros de qualquer parte do Brasil. Músicas como “Homem na Estrada”, “Negro Drama” e tantas outras fazem parte da realidade do povo preto. Essa experiencia musical ultrapassa a linha da produção artista, são músicas biografias de pessoas que se quer conhecem Mano Brown, Edi Rock, Ice Blue ou KLJ pessoalmente. Gente que talvez nem eram nascidos quando as músicas foram escritas.

E de certo modo é isso que podemos observar no documentário *AmarElo*, a criação de uma nova narrativa, repleta de pesquisa e endossada pela música, se utilizando de uma linguagem acessível para o grande público, sem os usos dos rebuscamentos tradicionais da academia para mostrar um outro olhar sobre a presença preta na produção artística e intelectual no Brasil no período pós abolição.

É nessa “escola” que Emicida aprende a fazer a sua arte, e por mais que a totalidade da sua produção atual não verse com as letras feitas por Racionais Mc’s na década de 1990, o que é produzido hoje atinge diretamente a população negra em suas experiencias enquanto pessoas negras que estão buscando desfrutas das coisas boas da vida. Dois exemplos que trago

aqui e que estão no documentário são *A Ordem Natural das Coisas* e o poema presente na música *AmarElo*

A merendeira desce, o ônibus sai
Dona Maria já se foi, só depois é que o sol nasce
De madrugada que as aranha desce no breu
E amantes ofegantes vão pro mundo de Morfeu

E o sol só vem depois
O sol só vem depois
É o astro rei, okay, mas vem depois
O sol só vem depois

Anunciado no latir dos cães, no cantar dos galos
Na calma das mães, que quer o rebento cem por cento
E diz "leva o documento, Sam"
Na São Paulo das manhã que tem lá seus Vietnã
Na vela que o vento apaga, afaga quando passa
A brasa dorme fria e só quem dança é a fumaça
Orvalho é o pranto dessa planta no sereno
A lua já 'tá no Japão, como esse mundo é pequeno
Farelos de um sonho bobinho que a luz contorna
Dar um tapa no quartinho, esse ano sai a reforma
O som das criança indo pra escola convence
O feijão germina no algodão, a vida sempre vence
Nuvens curiosas, como são
Se vestem de cabelo crespo, ancião
Caminham lento, lá pra cima, o firmamento
Pois no fundo ela se finge de neblina
Pra ver o amor dos dois mundos

A merendeira desce, o ônibus sai
Dona Maria já se foi, só depois é que o sol nasce
De madrugada que as aranha desce no breu
E amantes ofegantes vão pro mundo de Morfeu

E o sol só vem depois
O sol só vem depois
É o astro rei, okay, mas vem depois
O sol só vem depois

A merendeira desce, o ônibus sai
Dona Maria já se foi, só depois é que o sol nasce
De madrugada que as aranha desce no breu
E amantes ofegantes vão pro mundo de Morfeu
E o sol só vem depois (só vem depois)
O sol só vem depois (o sol só vem depois)
É o astro rei, okay, mas vem depois
O sol só vem depois
(A ORDEM NATURAL DAS COISAS – EMICIDA; MC THA)

Esta música “protagonizada” pela Dona Maria está dialogando com a realidade de milhares de mulheres negras que vivem este tipo de realidade “Dona Maria já se foi, só depois é que o sol nasce”. “Anunciado no latir dos cães, no cantar dos galos / Na calma das mães, que quer o rebento cem por cento / E diz "leva o documento, Sam" / Na São Paulo das manhã que

tem lá seus Vietnã” . Ou mesmo a busca pela segurança dos jovens negros em um país que mata um jovem negro a cada 23 minutos.

Permita que eu fale
Não as minhas cicatrizes
Elas são coadjuvantes
Não, melhor, figurantes
Que nem devia tá aqui

Permita que eu fale
Não as minhas cicatrizes
Tanta dor rouba nossa voz
Sabe o que resta de nós?
Alvos passeando por aí

Permita que eu fale
Não as minhas cicatrizes
Se isso é sobre vivência
Me resumir a sobrevivência
É roubar o pouco de bom que vivi

Por fim, permita que eu fale
Não as minhas cicatrizes
Achar que essas mazelas me definem
É o pior dos crimes
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nós sumir, aí
(AMARELO - EMICIDA; MAJUR. PABLO VITTAR)

Já no poema de *AmarElo*, o sujeito busca se tornar personagem central da sua história, que atravessamentos secundários sejam colocados de lado, de modo que ele sim possa ser escutado, e não as malezas que carrega.

É importante tentar entender de que lugar que Emicida se pronuncia e escreve, o lugar de enunciado tem muito a dizer em relação ao seu modo de se relacionar com o mundo. Em um determinado momento do documentário, falando sobre vivência e sua relação com o racismo, Emicida diz que

sou um moleque de pele escura do Brasil. E a gente precisa realmente bater nessa tecla e ressaltar isso aí pra que cada geração venha pior que nós. Quando um cara chama outro de macaco, todos esperam a reação do preto, quando o correto é falar pro branco ‘passou cinco séculos, cê tá na mesma’. Eu não sou alvo do racista, sou o pesadelo dele’(AMARELO, 32:04, 2020)

O papel social que ele desempenha é o de mostrar através do audiovisual que não podemos e nem devemos aceitar o lugar que nos colocaram. “eu não sinto que eu vim, eu sinto que eu voltei e que de alguma forma, meus sonhos e minhas lutas começaram muito tempo antes da minha chegada” (AMARELO, 1:28:31, 2020). Ora, se seus sonhos e suas lutas começaram muito antes da sua chegada, ele está falando tratando dessa ancestralidade, que é a mesma ancestralidade presente na *escrevivência* de Conceição Evaristo.

A meu ver, vários são os suportes que podem ser usados para expressar a *escrevivência*, Evaristo já usou, por exemplo, os livros e a música como suporte da sua *escrevivência*. Como dito anteriormente, identifico no documentário essa mesma linguagem, utilizou o Theatro Municipal de São Paulo como vetor de uma nova perspectiva para a possibilidade de uma nova história.

E ao final consegue nos trazer a grande mensagem que “Tudo que ‘nóiz’ tem é ‘nóiz’, sacou? É isso que é a parada. A única coisa que temos é uns aos outros. Se a gente se desconectar disso já era”. (AMARELO, 1:16:39, 2020)

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS – NUNCA FOI SORTE, SEMPRE FOI EXÚ

Esto va pa'l capataz de la empresa
El machete no es solo pa cortar caña'
También es pa cortar cabeza'

Aquí estamos, siempre estamos
No nos fuimos, no nos vamos
Aquí estamos pa que te recuerde
Si quieres mi machete, él te muerde
(This is Not America – Residente)

A proposta inicial desta monografia era apresentar, através do documentário *AmarElo*, possibilidades de diálogo com uma antropologia contemporânea e contra hegemônica. Entender através do pensamento do artista e intelectual Emicida de que forma a arte, em especial o audiovisual pode ser aliado na busca por uma nova perspectiva historiografia acerca do povo preto.

A redefinição do tempo foi uma aliada nesta busca, a forma com que o documentário apresentou redefinições do nosso presente ajudou na criação de novas possibilidades de futuro que vem de encontro com a nossa história e nossa vivência.

Vejo na reconstrução do passado a oportunidade de redefinir o futuro, a epistemologia preta nos deu inúmeras possibilidade de articular o tempo em nosso favor, como “no caso do itan21de Exu segundo o qual ele acerta um pássaro ontem, com uma pedra que atirou hoje. Neste caso simples, o “presente” se dobra para o “ontem”, mas está “pedra” poderia cruzar pelo caminho entre estes referenciais, e tocar o “futuro”.(MUNZANZU, 19,2020). E a redefinição do nosso presente é também a nossa possibilidade de criar um novo futuro.

Como forma de manter a hierarquia colonial estabelecida, várias foram as formas de violência criadas, aqui apresentei o *epistemicídio*, a morte do conhecimento negro, que foi utilizada de várias formas, inclusive dentro das salas de aula como meio de calar os estudantes negro. Porém, múltiplas foram as formas de resistência criadas pelo povo preto, apresentei aqui a epistemologias pretas, em especial a *escrevivência*, ferramenta que nos dá a possibilidade de contar a nossa história.

E é nesse sentido que vejo o sistema do qual a antropologia faz parte se demonstrando um sistema pouco aberto para mudanças. A possibilidade de reconstrução ou até mesmo refundação se apresenta como a única possibilidade possível para que haja uma verdadeira valorização da cultura e do pensamento negro dentro da disciplina. Quando falo aqui

de verdadeira valorização da cultura e do pensamento não estou falando enquanto objeto de pesquisa, estou falando da urgência que existe em redefinir os parâmetros que utilizamos para elaboração das nossas pesquisas e das nossas metodologias. O sistema das ciências sociais se mostra pouco aberto para pesquisas feitas por pessoas negras que colocam a temática negra como protagonista. E meu objetivo foi esse, elaborar uma pesquisa na qual eu pudesse me ver.

É inegável que as intelectuais negras foram / são as grandes expoentes dessa discussão, e é através do seu pensamento que busquei contextualizar as formas de resistência intelectual desenvolvidas e aplicadas por toda uma população e geração. Me considero parte dessa geração que buscou nestas pessoas inspiração intelectual para se manter presente no ensino superior.

Dentro dos grandiosos ensinamentos de bell hooks está o amor por nossa negritude como forma de resistência, ela diz que “amar a negritude como resistência política transforma nossas formas de ver e ser e, portanto, cria as condições necessárias para que nos movamos contra as forças de dominação e morte que tomam as vidas negras” (HOOKS, p.63, 2021).

Sendo assim, espero ter movido, mesmo que minimamente as forças de dominação e ter contribuído para um refundamento do pensamento social.

Referências

ALMEIDA, Valeria Lima de; MARTINS, Aline Correia e MUNZANZU, Carla Ramos. Mulheres Negras: Epistemologias do Presente. **Revista Docência e Cibercultura**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, set/dez 2019.

ARAGÃO, Jorge. **Coisa de Pele**. São Paulo: Som Livre, 1986. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/1gSOBwv1QSq6SsEQ2EzT9h?autoplay=true>. Acesso em 26 de jun. 2022.

BLUES, Baco Exu; **BB King**. São Paulo: 999, 2018. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/4FKXfcm dye6qnoR7UPeeCz>. Acesso em 26 de jun. 2022.

BLUES, Baco Exu; COSTA, Gal. **Lgrimas**. São Paulo: 999, 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/3PWfXDkLIqfbTdEyv812za>. Acesso em 26 de jun. 2022.

CARNEIRO, Sueli. **Construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005, 339 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, 2005.

COZZA, Fabiana; EMICIDA; ROSÁRIO, Pastoras; VIEIRA, Pastor Henrique. **Principia**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/1XSdNkxhjcKa89AGjySyE4>. Acesso em 26 de jun. 2022.

CRIOLO; INSTITUTO; ALLEN, Tony. **Vai ser assim**. São Paulo: YBMusic, 2015. <https://open.spotify.com/track/52CdlRXaxvV5kldYTT21II?autoplay=true>. Disponível em: Acesso em 26 de jun. 2022.

D2, Marcelo. **Está chegando a hora (abre Alas)**. Rio de Janeiro: EMI Brazil, 2013. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/0EVbvPz5RiSL1i06o2O6yv>. Acesso em 26 de jun. 2022.

DJONGA. **Bença**. São Paulo: Ceia, 2019. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/3GFF2ybvzJWteFci21mC1W>. Acesso em 26 de jun. 2022.

DJONGA. **Junho de 94**. São Paulo: Ceia, 2018. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/2JLlkW8sNBoEpSCHJODPDH?autoplay=true>. Acesso em 26 de jun. 2022.

DJONGA. **Tipo**. São Paulo: Ceia, 2019. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/3kGL0fgxyVxLqW5Vv9B8U?autoplay=true>. Acesso em 26 de jun. 2022.

DONA, Jacira; EMICIDA. **Crisântemo**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2013. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/6ttr8uK3KcGCnTghOm3hwN>. Acesso em 26 de jun. 2022

DONA, Jacira; EMICIDA. **Mãe**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2015. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/6s3ePt0t4p7tsjSBmYGH1K?autoplay=true>. Acesso em 26 de jun. 2022.

EMICIDA: **AMARELO – É TUDO PRA ONTEM**. Direção gral de Fred Ouro Preto. Cantor: Emicida, São Paulo: Netflix, 2020.

EMICIDA. **AmarElo (Sample: Sujeito de Sorte – Belchior)**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/4HniBnVyH2PPYRoQFJGRtY?autoplay=true>. Acesso em 26 de jun. 2022.

EMICIDA. **Eminência Parda**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019. Disponível em: <https://open.spotify.com/album/5fDDLiQat80yBBM2HszZmQ>. Acesso em 26 de jun. 2022.

EMICIDA. **Rinha (já ouviu falar)**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2010. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/11EwENgj6ssityd6UW6ZN3>. Acesso em 26 de jun. 2022.

EMICIDA; PITY. **Hoje Cedo**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2013. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/2C9LPYpH9YUgROQDHfRXrU>. Acesso em 26 de jun. 2022.

EMICIDA; THA, Mc. **A ordem natural das coisas**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/21lNJVuYAlPahd9IE5I0AT>. Acesso em 26 de jun. 2022.

FERREIRA, Abílio. **Tebas**: Um negro arquiteto na São Paulo escravocrata. São Paulo: IDEA, 2018. Disponível em: <https://www.causp.gov.br/wp-content/uploads/2016/03/Livro-Tebas.pdf>. Acesso em: 26 junho, 2022.

FIGUEIREDO, Ângela. **Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial**. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0 1 02, jan./abr. 2020.

GANCIA, Barbara. **Cultura de bacilos**: Se usamos verbas públicas para ensinar hip-hop, rap e funk, por que não incluir na lista axé ou dança da garrafa?. Folha de São PAULO, São Pulo, 16 de mar. 2007. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1603200703.htm>. Acesso em 26 de jun. 2022.

GROSGOUEL, Ramón. **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas**: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. Revista Sociedade e Estado. Brasília, V. 31, N. 1, Jan/Abril 2016.

GÜNEL, Gökçe; VARMA, Saiba; WATANABE, Chika. **A Manifesto for Patchwork Ethnography**. Dociety For Cultural Anthropology. Disponível em <https://culanth.org/fieldsights/a-manifesto-for-patchwork-ethnography>. Acesso em 26 de jun. 2022.

HISTÓRIA DO RAP NACIONAL: **Emicida, EPSODIO 3**. YouTube, 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9ZMB_PFBavc&t=27s. Acesso em 26 de jun. 2022

HOOKS, bell. **Olhares negros**: raça e representação. Trad. Stephanie Borges. 1ªed. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

HOOKS, bell. **Ensinando Comunidades: uma pedagogia da esperança**. Trad. Kenia Cardoso. 1ªed. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

INSTITUTO DE ARTE TEAR. **Escrevivência – Episódio 01 da série Ecos da Palavra**. YouTube, 2018 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4EwKXpTIBhE>. Acesso em 26 de jun. 2022

IBEYI; RESIDENTE. **This is Not America**. Flórida: Sony Music Latin, 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/album/5J11N6p7TBOMPE5bg9mbax>. Acesso em 26 de jun. 2022.

IPEAFRO. **Frente Negra Brasileira**. IPEAFRO. Disponível em <https://ipeafro.org.br/acervo-digital/documentos/antecedentes-do-ten/frente-negra-brasileira/>. Acesso em 26 de jun. 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tard.Jess Oliveira. 1ªed. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019

LITERATURAS BRASILEIRAS. **Conceição Evaristo – Escrevivência**. YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY&t=367s>. Acesso em 26 de jun. 2022

MC'S, Racionais. **Vida Loka Pt.2**. São Paulo: Boogie Naípe, 2002. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/4nTrxp4aH0g2yLVPkFmljF?autoplay=true>. Acesso em 26 de jun. 2022.

MUNZANZU, Carla. **PARA UMA PANDEMIA, UM REPERTÓRIO DE FEITIÇO**.SILÊNCIO! O VELHO1É O DONO DO MUNDO. Revista Inter Legere. Rio Grande do Norte, Vol. 3, n. 28/2020.

OLODUM. **Madiba**. Bahia: Associação Carnavalesca Bloco Afro Olodum, 2016. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/0fBo4RnyKEneYO04SGe8gZ>. Acesso em 26 de jun. 2022.

REVISTA PROSA VERSO E ARTE. **“O país real, esse é bom, revela os melhores instintos; mas o país oficial, esse é caricato e burlesco” – Machado de Assis**. Revista Prosa Verso e

Arte. Disponível em: <https://www.revistaprosaveroarte.com/o-pais-real-esse-e-bom-revela-os-melhores-instintos-mas-o-pais-oficial-esse-e-caricato-e-burlesco-machado-de-assis/>.

Acesso em 26 de jun. 2022.

ROCHA, Guilherme Lucio da. **Explicando em detalhes: o que é Sample**. Kondzilla. Disponível em <https://kondzilla.com/m/explicando-em-detalhes-o-que-e-sample>. Acesso em 26 de jun. 2022.

RODA VIDA. **Conceição Evaristo explica o conceito de “escrivência e a relação com mitos afro-brasileiros”**. YouTube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J-wfZGMV79A>. Acesso em 26 de jun. 2022

SOARES, Elza. **Mulher do fim do mundo**. São Paulo: Circus Produções Culturais & Fonográfica, 2015. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/2GFVIWiGj6IHYo7YWqERhW?autoplay=true>. Acesso em 26 de jun. 2022.